

Segundo
Fascículo hoje

@Verdade

Durante quinze edições, o **Jornal @Verdade** em colaboração com a **família Mondlane**, oferece-lhe o livro **"Lutar por Moçambique"** da autoria de **Eduardo Mondlane**.

Com o patrocínio de:



Sexta-Feira,
26 de Junho de 2009

Jornal **Gratuito** • Venda **Proibida** • Edição Nº 044 • Ano 1 • Director: Erik Charas

RECICLA E INFORMA O:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

“Não é saudável os líderes africanos
arrastarem-se no poder”

- Graça Machel

@Tema de Fundo 14



Quando a mulher
se sobrepõe ao homem

@Mulher

28



Ouvidos em chaga
no D. Berta

@Grande Maputo

2



Guiné-Bissau
eleições em ambiente
de cortar à faca

@África

10



O Puto que
conquistou Cannes

@Plateia

15

Novos inimigos do ‘Dona Berta’!

A história que se segue pode ser mais um daqueles casos ‘malparados’: uma queixa de moradores contra a poluição sonora – que o Município ainda está por esclarecer –, uma rescisão apressada de um contrato de exploração e uma dívida bancária de mais de 1 milhão de meticais. Tudo isso acontece no jardim D. Berta, no centro da cidade de Maputo e as personagens não são pessoas comuns...

Texto: Anselmo Titos
Foto: Sérgio Costa
Comente por SMS 8415152 / 821115

O que muitos não sabem é que o nome oficial do Jardim Dona Berta é Jardim Nangade. Localizado na esquina das avenidas Vladimir Lenine e Maguiguane, o local sobre o qual escrevemos está, ali, rodeado de vários prédios e de apartamentos onde residem centenas de famílias. Em tempos anteriores, o jardim estava degradado e sem nenhuma iluminação. Nesse tempo actuavam ali os malfeitores de rua, e algumas vezes se ouvia, a meio da noite, gritos de socorro de pessoas que iam a passar e eram assaltadas.

Reabilitado e iluminado, o flagelo desapareceu. Porém, de há uns tempos para cá, o quarteirão foi assolado por um pesadelo que até esta semana não tinha um fim à vista. Antes só era atacado quem andasse a vaguear na rua na calada da noite. Mas agora os vizinhos acham-se agredidos dentro das próprias casas por poluição sonora.

Quem podia imaginar uma anormalidade tão monstruosa como esta em que, à meia-noite dum domingo ou nos primeiros minutos da madrugada de segunda-feira, esteja a ser iniciada uma nova e longa sessão de marteladas nas teclas e a serem ouvidos os estrondos de uma bateria ou duma aparelhagem com o acompanhamento de uma gritaria infernal? “É mais do que óbvio que todos os que estão ali no bem-bom não têm que ir trabalhar na segunda-feira. E talvez nem têm qualquer horário de trabalho em algum dia da semana”, lamentava um dos moradores agredidos.



De acordo com os vizinhos do “Dona Berta”, tudo começou por ser às sextas, sábados e domingos. Depois passou a ser às quintas, sextas, sábados e domingos. À dada altura às quartas, quintas, sextas, sábados e domingos. Um inferno total. “Quando chegamos a casa, ao fim da tarde, depois de mais uma jornada laboral na luta contra a pobreza absoluta, consubstanciando a agenda nacional da pátria amada, e julgamos que vamos poder ter um merecido tempo de sossego e de silêncio, nos nossos próprios lares, aquele maldito festival já começou!”

E nunca se sabe a que horas vão terminar. “Se há um silêncio às 22.00 horas, julgamos que acabou. Daí a pouco recomeça. Se o silêncio aparece às 23.00 horas, julgamos que terminou. Daí a pouco recomeça. É uma tensão nervosa permanente. À meia-noite recomeça. À 1.00 hora recomeça, à 1.30 hora recomeça, às 2.15 horas recomeça, às 3.40 ho-

BOM VIZINHO ESTÁ AO LADO!

Nesta mesma zona, na esquina em frente do jardim, existe um caso que o exemplo oposto desta acá o em descriá o. ...o Mira Flores, um restaurante que, com a gerência actual desde há mais de dois anos (no mínimo), nunca, conforme os seus vizinhos, teve poluição sonora. E mais: fecha sempre às 22.00 horas. E esta não é a melhor prova de que para fazer negócio não é preciso ser inimigo do Jardim D. Berta para ser rico, cogitam os castigados pela desordem sonora. Mas, numa época em que a maioria dos maputenses sofre de erosão moral de forma imparável, os vizinhos da Dona Berta concluíram que quem opta por fazer negócios anti-sociais e fora-da-lei porque não tem essa vocação e sabe que tem o alto patrocínio e a protecção dos influentes”.

Ademais – dizem os afectados – é preciso ser portador duma superdose de estupidez para imaginar que um jardim público numa zona residencial um lugar adequado para instalar uma barraca do Museu que vomita poluição sonora nas altas horas da noite e da madrugada. O grande problema que esta elite não tem cultura civilizacional. ...uma elite porque apenas tem mais dinheiro do que os outros marginais. Para eles, isto só vem demonstrar, mais uma vez, que o dinheiro pode comprar tudo, mas não consegue comprar inteligência. E o que é que se pode dizer da inteligência e do nível de civismo de quem autorizou divertimento sonoro nocturno num jardim público em zona residencial? E pior ainda, no exterior, ao ar livre.

“...eu li no jornal que ‘ela diz que conhece pessoas influentes na sociedade’”

ras recomeça.” E quando a pessoa é vencida por um sono extenuante e acorda, esgotada, às 5.30 horas, este inferno, às vezes, ainda continua!!! Dizem as vítimas que para agravar ainda mais a situação, à medida que as horas vão passando, o volume do som vai subindo! Em algumas noites, nem sequer há recomeços, pois esta agressão prolonga-se sem qualquer interrupção, sem qualquer pausa de silêncio, pela noite fora até às 3.00h ou às 4.00h da madrugada, numa torrente incessante e horrorosa de batidas contínuas, repetitivas, uniformes...

Mal por bem e...os ‘inimigos sem-rostro’

Não obstante essa agressão, por muito tempo ninguém ousou queixar-se. Tudo porque “...eu li no jornal que ‘ela diz que conhece pessoas influentes na sociedade’”. Isso só podia acabar se houvesse alguém mais influente do que os influentes que ela conhece. Mas o desgaste foi maior que o medo. Foi então que as vítimas fizeram – e enviaram – um abaixo-assinado.

Tarde demais: quando nesta quarta-feira fomos ao local para falar com Paula Resende, no seu lugar encontramos Manuel Jasvatalal (o dono) a berrar ao telemóvel. Do outro lado estava Paula Resende – muito falada também no Comando da Polícia Municipal – a concessionária do sítio.

Quando cortou a conversa – que mais parecia de surdos –, ele estendeu na mesa um documento de

rescisão de contrato de exploração. O motivo é este: incumprimento das cláusulas contratuais por parte da Paula Resende. É aqui onde a história toma contornos pouco claros que Manuel Jasvatalal não quis explicar no momento pois o que o irrita é, afinal, mais grave ainda: Paula Resende deixou à sua responsabilidade, uma dívida de um milhão e cem mil meticais. “... hoje mesmo, fui pagar cem mil”, disse, visivelmente agastado com o facto.

Fazendo jus ao adágio “Por morrer uma andorinha não acaba a primavera”, já naquela quarta-feira, o proprietário tinha contactado um bom número de interessados pelo sítio. Perguntámos-lhe sobre os “bom”, “bom”, “bom” e se sabia algo acerca de um “abaixo-assinado” dos moradores. Respondeu que tudo era uma mentira. Afirmou que não há, nas imediações, residências. E que, mesmo se fosse o caso, o som bombeado de uma sala isolada e contígua ao bar nem sequer alcança quem estiver na varanda onde entabulamos a conversa. Para ele, esse boato é movido por inimigos sem-rostro da Dona Berta. Foram vãs as duas semanas em que andámos para chegar à fala com Paula Resende. Mas o Comando da Polícia Municipal confirma ter recebido o retromencionado abaixo-assinado dos vizinhos da Dona Berta. Isso foi há apenas duas semanas. Talvez por isso diz que ainda está a averiguar a veracidade dos factos para tomar as posteriores medidas. @

Quer comprar casa nova?
Não consegue vender carro usado?

Envia um SMS com formato **CLASSE_ANÚNCIO** (máximo 160 caracteres)
para os nºs 84 15 152 ou 82 11 115 (custo por SMS 2 MT)

www.verdade.co.mz



CADA SEGUNDO DE INDEPENDÊNCIA CONTINUA A TRAZER TUDO BOM PARA TI.

*A Vodacom comemora contigo
os 34 anos da Independência Nacional.*





Denuncie o encurtamento de rotas

Por sms **8415152** ou **821115**

ou para o e-mail: **averdademz@gmail.com**

Rotas continuam curtas

A princípio foi de forma sorrateira que os transportes semicolectivos retomaram o encurtamento de rotas, sob o pretexto de recolha, encaminhamento para a oficina ou alegando um outro programa qualquer inadiável. Ao mesmo tempo davam a entender que poderiam fazer um jeitinho de transportar as pessoas até meio caminho. De facto, para qualquer desesperado é sempre melhor meio caminho andado que nenhum. Hoje, as rotas voltaram oficialmente a ser curtas, perante a complacência de uns e cumplicidade de outros.



Texto: **Filipe Ribas**
Foto: **S. Costa / M. Maguete**
Comente por SMS **8415152 / 821115**

Transportar pessoas de uma terminal a outra é, segundo o princípio dos cobradores de “chapa”, o mesmo que levar pedra do estaleiro à obra. Receita única, sem o acrescido rendimento dos que entram e saem ao longo das paragens do trajecto, sendo por isso imperioso o encurtamento em nome da rentabilização da viatura. Os que vão de terminal a terminal pagam o dobro

desta estipulada tarifa única.

Das rotas mais longas, citem-se os exemplos de Museu/Michafutene, Museu/Magoanine, Jardim/Costa do Sol e de outras periferias que encontram no Bairro do Jardim a metade do percurso, que implica alteração da tarifa. Para o caso concreto de Michafutene, a tendência dos transportadores é fazer todos os possíveis para que o último passageiro desça no Benfica, a fim de retornarem ao Museu.

Quando tal não acontece e sendo poucos os passageiros, a tripulação faz questão de se livrar destes, não sem antes de se gerar um conflito do dito por não dito.

Por quase todo o lado, o encurtamento das rotas já foi re-assumido como uma prática a inscrever-se nas normas de funcionamento. A associação dos transportadores lançou sucessivos apelos televisivos, cuja aplicação poder-se-ia chamar um verdadeiro ins-

trumento de defesa do consumidor. Não estão a surtir efeito e nem se pode dizer que fosse esse o desejo da associação que veio a público.

Os transportadores

A ATROMAP, agremiação dos transportadores semicolectivos da cidade de Maputo, não é uma organização séria, nem tem obrigação de sê-lo ao ponto de cuidar para que as pessoas não sejam ludibriadas. Sendo a associação constituída por proprietários de viaturas, a quem interessa sobretudo a elevação das receitas, não tem sentido que entrem em contradição com os lucrativos métodos de trabalho das suas tripulações.

Uma vez que os proprietários das viaturas estipularam uma receita diária mínima, é legítimo que tenham, de certo modo, o que se chamaria de rabo preso nesta matéria. A aparição destes responsáveis associativos a fazerem apelos aos usuários do “chapa cem” era uma simples fachada, para dar a entender a nós e ao Go-

verno que partilham da preocupação geral.

Governo deixa andar

Na realidade e de acordo com melhor leitura que se pode fazer, acabar com o encurtamento das rotas e implantar toda uma disciplina nos semicolectivos é tarefa do Governo. Apenas deste, que os outros podem ter um papel na facilitação do processo, dentro de um quadro de meros cumpridores de normas. E não estando a ser assim, o Governo demitiu-se da sua tarefa, dando poderes a um grupo associativo que jamais defenderia os interesses do consumidor.

Vejamos a lógica do não cumprimento desta norma pouco vinculativa do encurtamento de rotas. Diziam os apelos que as pessoas devem verificar o que está escrito nas viaturas e que se não deviam deixar enganar, isto é, deveriam pagar pelo trajecto. Ora, o primeiro absurdo é que o encurtamento das rotas nunca teve nada a ver com as pessoas lerem bem ou mal o que está escrito. Foi e ainda é a boca do cobrador, no seu pregão, que define o procedimento. O segundo absurdo é que nunca ninguém se queixou de pagar mais do que devia. Mas os apelos televisivos foram em torno destes dois aspectos.

A associação dos transportadores, fazendo da população idiotas e dando mostras da complacência do Ministério dos Transportes e Comunicações, não pôe à disposição das pessoas qualquer meio de defesa ou para fazer cumprir estas normas. Que devemos fazer em presença de tais ano-

malias? Onde deveremos denunciar tais irregularidades? Nessa matéria há uma omissão flagrante. No entanto, o Governo caiu na esparrela de que tinha encontrado uma solução para o problema.

É evidente que a associação dos transportadores dispõe de um bom número de fiscais e controladores em muitas das terminais existentes na capital. Eles são apenas um número e sem a mínima utilidade para o utilizador do “chapa”. Tal corpo de fiscais ou elementos da comissão, como se usa chamá-los, não passa de marginais, entre bêbados e drogados, que vendem a mudança de rota e lugar nas filas de espera. São jovens de todo inúteis, com tendência a prejudiciais, sobretudo se se tomar em conta estarmos a sustentar focos de corrupção, que vão enraizando a cultura de comprarmos os nossos direitos como se fossem novas oportunidades.

Quanto à Polícia Camarária, precisamente nesta matéria do encurtamento das rotas, tornou-se a vergonha das edilidades. Esta autoridade não tem serventia de espécie alguma, sobretudo à vista do que ela custa aos bolsos do cidadão.

A saída só pode ser uma: o Governo deve assumir o seu papel de disciplinar este sector de actividade, sendo que o cumprimento das leis de um país não pode depender da vontade ou não de grupos associativos. Não vá suceder que as populações, já saturadas de tantos abusos venham agir por conta própria para repor a ordem nos “chapas”. @



Serigrafia Logos

Tel: 21 430 478 Fax: 21 430 479 Cel: 84 30 logos
Com a Logos é logo!...

www.logos.co.mz



www.mcel.co.mz

0000 0000000000

3G

Movimenta-te à velocidade turbinada

Internet móvel pré-paga por apenas 500MT

O netmóvel turbo pré-pago não vai deixar ninguém parado. Por apenas 500MT compras o teu pacote inicial que já vem com 100MB para consumo. Além disso, podes fazer recargas a qualquer hora com o valor que quiseres. Sem contratos. Sem compromissos. Do que estás à espera? Movimenta-te.

Netmóvel turbo. A melhor internet móvel em Moçambique.

Mais informações: liga grátis 82 1010 800.

mcel
estamos juntos

@Opinião

@Editorial
averdademz@gmail.com

João Vaz de Almada
www.verdade.co.mz



Um país, duas visões

A República Popular da China há muito que criou uma combina o *sui generis*. A ela chamou: um país, dois sistemas. Isto é, naquele imenso território –   o mais populoso do mundo e o terceiro em superfície, depois da Federação Russa e do Canadá – vive-se a duas velocidades diametralmente opostas mas que, habilmente, parecem coabitar na perfeição. Na política, o partido fundado por Mao Zedong controla tudo ao mil metro tal como no tempo da fundação da República Popular em 1949, ou nos anos mais tenebrosos da Revolução Cultural na década de sessenta. O Partido Comunista Chinês (PCC) dirige tudo com mão de ferro. O associativismo não existe, a imprensa hipercontrolada, as novas tecnologias idem, a pena de morte continua a matar uns bons milhares por ano e quem tenha uma opinião diferente da oficial facilmente passa um mau bocado. O PCC é um partido de vanguarda e tem a seu cargo todo o papel dirigente da sociedade. O país, falando numa linguagem automobilista, tem há muito engatado o ponto morto no que   política diz respeito.

O segundo sistema é um capitalismo exacerbado e esse parece possuir um motor turbo, tendo arrancado e uma velocidade estonteante nos últimos anos. Basta visitar cidades como Xangai, Hong Kong, Macau para se constatar essa riqueza transbordante, exorbitante. No meio desta crise internacional, onde todos contraem empréstimos para salvar uma inevitável falência, a China paga *cash*, sem pestanejar, e exibe riqueza e prosperidade nunca vistas como ficou bem patente nos últimos Jogos Olímpicos de Pequim. O capitalismo mundial faz várias aos grandes empresários chineses, convida-os para sua casa e, embora de uma forma interesseira, convive com eles porque o dinheiro não tem cor.

Vem todo este intróito a propósito do discurso do nosso Presidente esta segunda-feira sobre o estado da Nação na Assembleia da República, boicotado mais uma vez pela bancada da oposição. A Renamo/ UE justificou a ausência com o facto de a Frelimo ignorar sistematicamente as propostas de lei. Com razão ou sem ela, o certo é que a Renamo/UE primou pela ausência.

Segundo o Presidente da República, ponto de vista completamente comungado pela Frelimo, o país vai de vento em popa. Tudo são rosas e não há espinhos pelo caminho. Quem v  espinhos no lugar de rosas   apóstolo da desgraça. Quem não v  melhorias e benfeitorias é o pior cego: aquele que não quer ver. Para meu espanto, até a criminalidade baixou! Pergunto: se alguém, andando na rua, se sente hoje mais seguro do que há um ano ou dois? ...certo que houve progressos – descentralização materializada sobretudo nos 7 milhões para os distritos, a produção de milho aumentou, a Revolução Verde é uma realidade, a ponte do Caia também – mas também houve recuos e estagnação – a Justiça está mais descredibilizada do que nunca; as forças de segurança continuam a não inspirar confiança; a corrupção segue a galope; na Educação a quantidade continua a vencer a qualidade; a Cultura, como não rende, continua desprezada e relegada para um canto da gaveta; a comunicação social, salvo algumas e honrosas excepções, continua subserviente ao poder político.

Por tudo isto temos, igualmente,   nossa maneira e escala, um país e duas visões: uma oficial e outra real. A virtude, como em tudo, estará no meio.

(..)mesmo que nos empenhemos em dizer nos nossos comícios que a educação é a base do desenvolvimento do país, sem entendermos como que devemos traçar os nossos currículos escolares e quem os faz, não valer nada e ser somente o objectivo daqueles que querem fragilizar a sociedade em termos intelectuais , Régio Conrado in *Jornal Noticias*

CONVERSAS   VOLTA DA @VERDADE

CONVERSA COM JOSÉ CRAVEIRINHA

Oh velho Z , s  mesmo aqui para te encontrar. O mesmo bo m io de sempre! Tomamos um copo no velho Luso? De certeza que l n o ouves o dedilhar da viola do Da co, mas conhecer são bambolear das ancas das novas Felisminas e das netas da Leta Conceição que adoram o doggystyle do Zico.
- Aceito o convite, meu rapaz!
Gostava de te ter conhecido e ouvir-te falar sobre os tempos da PIDE, sobre o tempo em que estiveste preso. Hoje andamos todos engaiolados sem estarmos presos, com medo de falar e dizer o que pensamos.
- Imagino. ...como naquele tempo. Conta mais.
Olha poeta, se tivesse unhas como as tuas e estivesse numa qualquer Cela 1 da Machava, sujava também as paredes com as merdas que penso das injustiças deste país.

- Há gajos que andam a lixar-te a cabeça?
Tinha que sujar as paredes de toda a Machava para te contar, poeta. Lembras-te das ideias que a tua malta cantava? Igualdade? Que o povo tinha de tomar o poder? Olha, poeta, eu fiz uma música que dizia que o povo finalmente estava no poder, sabes o que me aconteceu?
- O quê?
Chamaram-me para responder na Procuradoria da República. Sim, poeta, a nossa República, não uma república qualquer das bananas.
- Ep ? E conheceste a menina dos 5 olhos?
Nada, meu poeta, agora já não há palmaria e nem me levaram de Jeep. Agora os gajos ameaçam-te de outras maneiras. Toda a gente anda com medo de perder o emprego caso não colabore com os chefes e patrões do país. Eu

pensava que o país fosse nosso. Do povo. Mas agora dizem que tem donos e h  que respeite -los, ali só, tem -los.
- Olha, puto, os gajos da PIDE eram chatos mas a malta lutava contra eles, cada um na sua frente. Eu escrevia coisas que passavam na censura, os gajos eram burros.
Burros há até hoje poeta, mas sabes, o mais triste é ver nacionais a explorar nacionais. Hoje o que manda na nossa sociedade é o cifrão, estão todos a cagar para a educação. Inventaram uma tal de passagem automática da 1    5  classe, tudo por causa dos doadores. Agora os putos chegam   5  classe e mal escrevem os próprios nomes, mal lêem e muitos deles não conhecem os teus lindos versos, meu poeta.
- Satanhoco!
Juro palavra d  hora! Os di-



Azagaia
Cronista

rigentes de hoje andam em luxuosos carros protocolares, senão não fazem bem o mesmo trabalho que faziam no vosso tempo metidos num autocarro s . Meu poeta-mor, os putos já não querem ser tambor...
- O que querem ser?
Deputados. Membros da comissão política. Ganhasse bem l , com direito às regalias, imunidade e o cara as!
Eu queria ser poeta como tu, ser tambor e gritar nas noites e tardes do nosso belo país o que me vai na alma, mas está difícil. Agora os tambores que mais alto gritam e são ouvidos têm padrinhos.
Mas deixemos disso. Brindemos às saborosas tangerinas de Inhambane.
- Salute!

TEMPO				
Sexta-Feira 26	Sábado 27	Domingo 28	Segunda-Feira 29	Terça-Feira 30
Máxima 23�C Mínima 12�C	Máxima 24�C Mínima 12�C	Máxima 25�C Mínima 13�C	Máxima 24�C Mínima 14�C	Máxima 26�C Mínima 13�C

MÁXIMA DA VERDADE
"  INDISPENSÁVEL CONHECERMO-NOS A NÓS PRÓPRIOS; MESMO SE ISSO NÃO BASTASSE PARA ENCONTRARMOS A VERDADE, SERIA ÚTIL, AO MENOS PARA REGULARMOS A VIDA, E NADA H  DE MAIS JUSTO"
AUTOR: PASCAL , BLAISE

OBITUÁRIO: Hortensia Allende 1914 – 2009 – 94 anos



Enquanto dormia a sesta a meio da tarde de quinta-feira, dia 18, Hortensia Allende, a viúva do presidente chileno Salvador Allende Gossen, faleceu na sua casa de Santiago do Chile. "Tenchinha [como era carinhosamente tratada] foi uma mulher admirável, notável, inteligente e consequente, defensora da democracia, dos direitos humanos, das liberdades, e também do re-

encontro dos chilenos." Foi neste termos que a Presidente chilena, Michelle Bachelet, se referiu a Hortensia no elogio fúnebre. A esposa de Salvador Allende contava 94 anos.
Tenchinha nasceu a 22 de Julho de 1914 em Valparaíso. Na noite de 24 de Janeiro de 1939 conheceu Salvador Allende   saída de uma projecção cinematográfica que documentava o enorme terramoto que havia sacudido as províncias de  uble e Concepc  n e que custaria a vida a 40 mil pessoas.
Hortensia reuniu em si muitas facetas que a fizeram particularmente querida do povo chileno: foi esposa do mártir Salvador Allende, conheceu o exílio, abraçou causas sociais e lutou sempre pelo Chile democrático

que hoje existe.
No fatídico dia 11 de Setembro de 1973, quando o militares bombardearam o Palácio La Moneda derrubando o presidente democraticamente eleito, Salvador Allende não conseguiu esconder as lágrimas que lhe corriam pela face ao desconhecer a sorte de Hortensia que se encontrava nas proximidades. No final daquele dia em que a ditadura enterrou a democracia, Allende morria no seu palácio mas Hortensia e as três filhas do casal escapavam para o exílio no México, enquanto Beatriz, que se encontrava grávida, viajou para Cuba donde era natural o seu marido.
A partir de então, Tenchinha faz da sua bandeira o derube da ditadura chilena.

Percorreu inúmeros países a denunciar o que se passava no Chile, alertando as consciências para as atrocidades cometidas pelo regime de Pinochet. Licenciada em História, disciplina de que exercia docência no Instituto Pedagógico da Universidade do Chile, Hortensia era uma leitora compulsiva, apreciando todo o tipo de manifestações artísticas.
No dia do funeral, foi Ricardo Lagos, ex-presidente do país, que proferiu as últimas palavras: "Foi muito emotivo presenciar o povo a despedir-se de Tenchinha. Ela encarnou muitos desejos, particularmente os de uma sociedade melhor. Foi companheira de Allende e também uma mulher tremendamente consequente, leal e digna."

Ficha Técnica

Tiragem Edição 42:
50.000 Exemplares

@Verdade

Certificado por

KPMG

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda;
Director: Erik Charas; Director-Adjunto: Adérito Caldeira; Director de Informação: João Vaz de Almada;
Chefe de Reda   o: Rui Lamarques; Reda   o: Alexandre Ch uque, Anselmo Titos, Filipe Ribas, Nicol u Malhope, Renato Caldeira; Fotografia: Sérgio Costa, Lusa, Istockphoto; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Nuno Teixeira; Revisor: Mussagy Mussagy; Comerciais: Wilson Machado, Fátima Avelino;
Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe), Sania Taj  (Coordenadora); Gigliola Zacara (Eventos); Periodicidade: Semanal; Tiragem: 50.000 exemplares; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.

Av. Mártires da Machava, 905 • Telefones: +843998624 Geral / +843998636 Informações / +843998626 Comercial / +843998625 Distribuição

E-mail: averdademz@gmail.com

A tiragem desta edição é de 50.000 exemplares e tem alcance semanal superior a 400 mil leitores



envie sms para o jornal @Verdade nos nº 821115 / 84 15 152



A Sojogo deve dizer a verdade. Os Correios da Matola pagaram-me o primeiro do LOTO, concurso n.13, no valor de 238,50Mt em 5 prestações. No dia 24.04 recebi 50Mt, no dia 15.05 recebi 100 Mt, no dia 29.05 recebi 10 Mt, no dia 12.06 recebi 60 Mt e, no dia 19.06, recebi a última prestaçã o de 20 Mt. Se eu ganhar o primeiro primeiro quanto tempo levariam a pagar?
Alberto U. Bila. Maputo.



A verdade chega de graça, traz conhecimento e gera negócio... aqui na minha tabacaria já vendi todas tesouras que tinha.
Ibraimo - Alto Maé.



@verdade tem que ser dita tanto que pedimos @ verdade vir testemunhar a grave realidade de buracos nas ruas da cidade de Nampula e que o CMCN nada ou pouco faz para resolver.
Anónimo.



Quando a verdade chega a sexta-feira sinto-me uma águia que enfim sai da gaiola e voa.
Idalécio Gorongosa



Os mambas deviam ler este livro de Eduardo, quem sabe no final possam lutar melhor pela nossa pátria amada. Alcides. Bairro da Matola.



...verdade parece que vocês são mimos, com a crise mundial que todos os dias se fala receber o jornal de borla.
Anónimo.



O povo agradece a família Mondlane e ao jornal Mahala, agora sim, podemos lutar por Moambique.
Ernesto Boane.



Como é que a verdade consegue fazer de borla algo que em 34 anos de independência ninguém conseguiu fazer? Bem-haja o jornal do povo.
Hermínia. Machava Socimol



O meu professor sempre nos disse para lermos, mas, como conseguir o livro ele nunca conseguiu explicar. Obrigado jornal a verdade por esta obra.
Anónimo.



Sinto-me privilegiado por ser vosso leitor, este o melhor presente que recebo há muito tempo.
Gilberto. Machipanda.



Parece mentira mas verdade, tenho 45 anos e nem sabia da existência deste livro de Mondlane. Graças ao jornal mahala agora vou ler o pensamento do pai de Moambique.
Anónimo.



Obrigado a família Mondlane e ao jornal @verdade pela iniciativa de trazer ao povo moambicano a história da figura da nossa história,
Orlando. Maxurane.



Obrigado Sr. Charas por nos oferecer este livro tão importante para melhorarmos o nosso Moambique.
Aissa Quelimane



Socorro!... Ajudem-me a resolver este problema. Tenta a est a estragar alunos da Escola Secundária Eduardo Mondlane.
Zito Sabonete.



Sou professor do EP2 e venho por este agradecer o jornal a verdade pelo serviço que está a prestar aos meus alunos e ao povo. Este livro que estão a publicar vem preencher um enorme vazio.
Anónimo.



Por confiar na @Verdade venho por este meio alertar a quem de direito sobre o drama por que passa a população da povoação de Cateme, distrito de Moatize, em Tete. Há mais de dois meses que aquela povoação consome água estagnada, tirada directamente do rio Moatize, devido a avaria da bomba de água. A qualquer momento pode eclodir uma epidemia de doenças.
Francisco Alfredo. Tete



A EPC de Motaze junta-se ao elenco do @Verdade na divulgação dos ideias de Mondlane. Espero que a experiência não termine por aqui.
Monteiro Nhamusua. Motaze-Magude.



O jornal a verdade um fresco nesta nossa vida difícil. Obrigado por partilharem os ideias de Mondlane conosco.
Otilia. Nampula.

O último púlpito do mestre

Podemos falar do “Chez Rangel”: um bar muito especial para Ricardo Rangel, e para os seus seguidores. Tinha-o concebido – isso é que dava a entender – para ser um especial alambique do jazz, pois os copos que lá se bebiam até ao raiar do sol eram um pretexto. Ricardo recusava-se a ser um elefante – que morre longe da manada – e a maneira que ele encontrou para não ser esse paquiderme, foi criar lugares onde todos pudessem estar. Juntos. Trocando os bafoes de cultura que cada um dos animais trazia no bojo. Porque essencialmente, o que o mestre queria era pôr as pessoas a ouvirem jazz. Ricardo vinha do Waterfront. Junto ao mar, onde também se podia ouvir jazz de não acabar. Onde o contrabasso soava em paralelo com a refrega que se erguia entre as ondas – cansadas – do mar e a resistência pujante das paredes quase de aço. Era daqueles espaços – o Waterfront – que emanavam o cheiro do homem que sempre andou com essa manifestação cultural debaixo do braço, desde que descobriu que os negros norte-americanos tinham a missão sagrada de fazer sonhar as pessoas com a desobediência da escala diatónica. Mas será no Chez Rangel que tudo vai



terminar para Ricardo Rangel. Que tudo vai terminar no sentido de que o tigre, com uma pata a menos, já não terá muitas distâncias para caminhar. Será também – ao abrir aquele lugar de culto, localizado na estação dos Caminhos-de-Ferro – que Ricardo Rangel nos vai lembrar uma grande figura de jazz: John Lee Hooker. Que chegou à estação de comboio e disse: one way thicket. E o bar de Rangel (O Chez Rangel, hoje Ka Mpumo) está localizado num espaço que servia de armazém. E continua a ser um púlpito. Um local de culto dos amantes do jazz. Mas Ricardo Rangel é um vulto que vem de outros tempos memoráveis e de sofrimento. Fazia também, de

seu lugar de culto, no tempo colonial, a baixa da cidade de Lourenço Marques. Onde na década de 60 irá registar muitas imagens de memória. Naquele período, particularmente na zona do porto, numa azáfama de milhares de pessoas, umas a desembarcarem, outras à espera de partir. As fotos de Ricardo Rangel são jazz. Tiradas num lugar que o próprio ajudou a celebrar. Também no mundo. Pelo culto que dele fazia. Ricardo Rangel será encontrado, nos seus tempos de imensa juventude física, em bons restaurantes, bebendo um bom copo, que lhe vai ajudar a aclarar as ideias. Alguns chamavam-lhe mulhereengo, até ao momento em que apareceu Beatriz: a mulher que terá mudado o azimute de Ricardo. Gostava de viver. Vivia com intensidade e alegria toda a vida que tinha. Até ao momento em que morreu 50 por cento. Isto é, quando amputaram uma das patas desse tigre. Depois disso era difícil encontrar Ricardo Rangel. A sua casa passou a ser muito mais sagrada do que os lugares que criou. Com as mãos e o espírito. E a alma. Como diziam os amigos. É difícil falar dos lugares que Ricardo Rangel cultivava. Porque ele próprio era um cais. / **Alexandre Cháuque**

[] a ideia de que esses comerciantes encontraram na frica oriental uma costa selvagem e povos totalmente primitivos a quem podiam facilmente imprimir a sua «influência civilizadora» está bem longe da VERDADE.” extractos do livro de Eduardo Mondlane “Lutar por Moçambique”.

Armando Guebuza apresentou o seu último informe ao Parlamento

O Presidente da República apresentou no Parlamento o seu quinto e último informe, deste seu mandato, sobre o estado da Nação.

Com a presença apenas dos deputados da bancada parlamentar da FRELIMO, Guebuza disse que Moçambique é um exemplo a nível regional e no mundo inteiro por ter um governo que respeita a Constituição da República e que se preocupa com o bem-estar do seu povo.

Neste informe anual, o Presidente destacou a estabilidade política que se vive actualmente no País e a cultura de preservação como factores que propiciam um bom ambiente de negócios, o que tem contribuído para a atracção de mais investimentos internos e externos. Sobre o desempenho do Governo, no quinquénio prestes a findar, o Chefe de Estado realçou os avanços alcançados em diversas áreas, sobretudo no combate à pobreza onde se regista uma

redução de 8% relativamente a 2004, quando tomou posse. “Temos um Estado que respeita a pluralidade política, um Estado amante da paz, um Estado em franco desenvolvimento, um Estado com estabilidade macroeconómica, um Estado com sentido de solidariedade nacional, um Estado com prestígio internacional, um Estado contribuinte para a paz e estabilidade da região e do mundo e um Estado com a visão clara do rumo a seguir na luta contra a pobreza e pelo nosso bem-estar” enfatizou o Presidente Armando Guebuza.

Neste informe, o Presidente da República fez também uma retrospectiva dos cinco anos da sua governação tendo realçado os avanços registados na expansão das redes escolar, sanitária, eléctrica, de abastecimento de água, de telecomunicações e a construção de infra-estruturas com particular destaque para a ponte sobre o rio Zambeze.



Lançado projecto de abastecimento de água em Manica

Foi oficialmente lançado, em Chicamba, o megaprojecto de construção do sistema integrado de abastecimento de água aos municípios de Chimoio, Manica e Gondola, na província de Manica, Centro de Moçambique.

Orçado em cerca de um bilião e 233 milhões de Meticais, o correspondente a aproximadamente 31 milhões de euros, o projecto constitui o primeiro desta dimensão a ser realizado no país após a independência nacional e será executado por uma empresa chinesa. O empreendimento, co-financiado pelos Governos de Moçambique e da Holanda, irá dotar o sistema de capacidade para tratamento de 40 mil metros cúbicos de água por dia.

A obra, com uma duração de cerca de 30 meses, vai consistir, essencialmente, no melhoramento das infra-estruturas já existentes e construção de novos componentes, nomeadamente reabilitação e ampliação da actual estação

de captação de água na barragem de Chicamba, construção de uma nova estação de tratamento de água (ETA), reservatórios e condutas adutoras que transportarão o precioso líquido de Chicamba para Manica, Chimoio e Gondola, numa extensão global de 100 quilómetros, e o alargamento da actual rede de distribuição naquelas cidades e vilas.

Com a conclusão deste projecto, as cidades de Chimoio e Manica e as vilas de Gondola, Messica e Bandula passarão a ter água canalizada durante 24 horas, beneficiando um total de 240 mil pessoas dos cinco aglomerados urbanos. A taxa de cobertura atingirá 60 por cento da população destes locais em 2010, passando

do para 75 por cento em 2015. Intervindo momentos após o lançamento da primeira pedra, o Ministro das Obras Públicas e Habitação, Felício Zacarias, que dirigiu a cerimónia, manifestou-se impressionado com o projecto. “A obra é grande.

Situa-se no lugar cimeiro dos projectos de abastecimento de água da história de Moçambique independente. Nenhum outro sistema no país tem esta dimensão”, afirmou. Este projecto, segundo Zacarias, irá permitir a captação, tratamento, transporte, armazenamento e distribuição de água com qualidade e em quantidade para as populações dos municípios e comunidades e demais povoações ao longo da conduta adu-

tora.

O Governador de Manica, Maurício Vieira, falando na ocasião, disse tratar-se do maior ganho no sector de água que a província registou, pelo que defendeu a necessidade de as obras reflectirem a responsabilidade e a dimensão que o projecto encerra no processo de desenvolvimento económico e social da província.

A cerimónia contou ainda com a presença do Embaixador da Holanda em Moçambique, Frans Bijet, e de altos dignitários do Fundo de Investimento de Património de Abastecimento de Água (FIPAG) e dos governos dos distritos beneficiários./AIM

Deputados sujeitos a declarar “conflito de interesses”

O projecto de lei de revisão do Estatuto do Deputado hoje aprovado, na generalidade e por consenso, pela Assembleia da República (AR), vai sujeitar os deputados a declarar a existência ou não de algum conflito de interesses quando apresentem algum projecto de lei ou intervenham em quaisquer trabalhos parlamentares.

“Os deputados, quando apresentem projecto de lei ou intervenham em quaisquer trabalhos parlamentares, em comissão especializada ou em plenário, devem previamente declarar a existência de interesse particular, se for caso, na matéria em causa”, refere o projecto de lei que ainda carece de ser debatido e aprovado em definitivo.

O documento em questão refere que são considerados como causas de um eventual conflito de interesses casos em que deputados, cônjuges ou seus parentes ou afins, ou pessoas com quem viviam em economia comum, titulares de direitos ou partes em negócios jurídicos cuja existência, validade ou efeitos se alterem em consequência directa da lei ou resolução da AR, Parlamento moçambicano. Igual situação vai para casos em que situação jurídica, por exemplo, possa ser modificada pela lei ou resolução a tomar pela AR.

Este projecto inovador, pelo menos quando comparado com o que prevalece noutros órgãos de soberania, refere que as declarações dos deputados sobre a existência ou não de algum conflito de interesses podem ser feitas, “quer na primeira intervenção do Deputado no procedimento

ou actividade parlamentar em causa, se as mesmas forem objecto de gravação ou acta, quer dirigidas e entregues à Comissão Permanente (órgão executivo da AR) ou à Comissão competente”.

Contrariamente a esta questão, o projecto de lei do Estatuto do Deputado, prevê, por outro lado, aumentar regalias aos deputados. Se este projecto for aprovado em definitivo, o Estado moçambicano vai passar a custear o seguro contra terceiros, das viaturas usadas pelos deputados enquanto estas viaturas continuarem propriedade do Estado.

A introdução deste seguro vai ter, segundo o Ministério das Finanças, um impacto financeiro adicional anual para o Orçamento do Estado de cerca de um milhão de Meticais. Mesmo assim, alguns deputados, como é o caso de António Muchanga, da bancada da Renamo-União Eleitoral (oposição), afirmam que “o seguro contra terceiros ainda não satisfaz, porque outros membros de órgãos de soberania têm mais do que isso”.

Cada deputado tem o direito de adquirir uma viatura a custo bonificado. Logo que o deputado concluir o pagamento da parte que lhe cabe, a viatura deixa de ser propriedade do Estado/ AIM @

MAIS DE 200 FAMÍLIAS CHEFIADAS POR MENORES

Pelo menos 223 agregados familiares são chefiados por crianças com idades compreendidas entre 12 e 14 anos na província de Sofala, Centro de Moçambique, segundo os resultados definitivos do III Recenseamento Geral da População e Habitação.

Os dados publicados, recentemente, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) apontam que 110 agregados familiares estavam a ser chefiados por crianças do sexo masculino e 114 do sexo feminino. De acordo com INE, cerca de cinco mil agregados eram, at a

altura do registo, chefiados por menores e jovens com idades compreendidas entre 15 a 19 anos.

Este cenário, que se regista um pouco por todo o país, resulta da morte dos progenitores por vários motivos, incluindo doenças, acidentes, entre outros. O Censo registou um total de 339.104 agregados familiares em toda a província de Sofala. Em 2007, o INE registou 572.040 órfãos de pais, dos quais 13.805 com idades entre zero e quatro anos, e 27.336 entre cinco a nove anos de idade. AIM @

Saudamos a todos os moçambicanos pelos 34 anos de independência

O Funae está empenhado no cumprimento da sua missão fazendo chegar energia às zonas rurais usando fontes alternativas.

ESCOLA PRIMARIA COMPLETA
DE
CUARA - P. II - II



Energia para Moçambique



“Enes admitiu abertamente: «É VERDADE que a alma generosa de Wilberforce não entrou no meu corpo, mas n o creio ter em mim sangue de negreiro; sinto mesmo uma ternura interior pelo negro, essa criança grande, instintivamente mau como todas as crianças - que me perdoem todas as m es -, embora d cil e sincero. “**extractos do livro de Eduardo Mondlane “Lutar por Moçambique”.**

Guiné-Bissau vai a votos

Vinte e um observadores de catorze países estão desde terça-feira nas nove regiões administrativas da Guiné-Bissau para acompanhar as eleições presidenciais antecipadas de domingo. A campanha, que encerra hoje, tem decorrido sob o signo da normalidade.



Texto: Luís Cardador/ BBC
Foto: Google.com
Comente por SMS 8415152 / 821115

Na sua deslocação ao norte da Guiné-Bissau, o chefe da missão dos observadores da União Europeia, o belga Johan Van Hecke, mostrou-se satisfeito com o que viu e inteirou-se dos preparativos para o dia da votação, que é já no próximo domingo. Na quarta-feira, em Cachungo, na região de Cacheu, a campanha era visível e audível a todos os que circulavam na baixa da cidade. A cerca de 100 quilómetros a norte da capital, Bissau, os apoiantes dos vários

candidatos faziam o que podiam para persuadir os eleitores a votarem no seu candidato.

“Estou a apoiar a candidatura de Malam Bacai Sanhá. Ele é um líder exemplar e é diferente dos outros líderes guineenses,” disse-me um apoiante do candidato oficial do PAIGC.

Já José Manuel da Costa apoia a campanha do independente Henrique Rosa.” A Guiné-Bissau está sempre com problemas. Quero a paz para ver como é que Henrique Rosa trabalha. Já participei em três campanhas e nada muda. Por

isso é que vou apoiar Henrique Rosa.”

Convivência

Em Cachungo a palavra de ordem é a convivência de candidaturas. Em Bissau, o chefe dos observadores da União Europeia já tinha avisado que a falta de equilíbrio competitivo entre as diversas candidaturas, a juntar à falta de segurança para candidatos e eleitores, ajudava a criar um clima de medo, impunidade e intimidação.

Mas, na terça-feira van Hecke regressou do norte da Guiné-Bissau bem impressionado

com o que viu. “O que mais me impressionou foi o facto da Comissão Regional Eleitoral de Cacheu ter conduzido o processo de maneira transparente e inclusiva,” disse van Hecke aos jornalistas que o acompanharam. Em jeito de brincadeira contou ainda como um mandatário de uma das candidaturas lhe tinha dito ser comum a realização de jogos de cartas com mandatários de candidaturas rivais. Mas, apesar da descontração nas sedes de campanha, os observadores pretendem assegurar-se também que em pequenas localidades - vulgo tabancas - a escolha do candidato é feita pelo eleitor e não por terceiros. Tabanca Sincha foi uma das paragens na região de Cacheu. O chefe da tabanca, Tobana Horta Anton, assegurou-me que os seus eleitores iriam votar de sua consciência, alheios a promessas.

Programas

Segundo ele, para os eleitores o que conta é o programa do candidato. “As pessoas agora aprenderam; não vão em estórias de etnia e religião. Olham para os programas dos candidatos. Esta é uma comunidade

da etnia balanta, que tradicionalmente podia ser do PRS. Mas não é o caso; todos os partidos têm votos aqui.” Seja qual for a decisão dos candidatos, parece estar criada uma incógnita quanto à eventualidade de uma segunda volta.

Mas em Cachungo, Fernando Gomes, o líder da Comissão Regional Eleitoral de Cacheu, promete estar tudo a postos para qualquer eventualidade. Resta apenas que a chuva ajude. “Estamos com medo que continue a chover. Temos sectores de difícil acesso mesmo na época seca. O importante para nós é que, no domingo, todas as mesas de voto estejam abertas às 7 horas para toda a gente votar.”

De regresso a Bissau, Johan Van Hecke admitia-me que apesar da maior animosidade que por vezes se verificava na campanha em Bissau - com os candidatos mais expansivos nos seus ataques pessoais - o ambiente, nomeadamente na capital, era de calma e que o processo estava a decorrer sem sobressaltos.

Mas deixou uma mensagem aos candidatos: “Deve haver agora uma luta séria contra a

impunidade. Quem quer que seja eleito Presidente da Guiné-Bissau, acho que deve ter isso como uma das primeiras prioridades.”

Entretanto, as fronteiras do país estarão encerradas domingo, dia das eleições presidenciais, e 3900 polícias e militares foram mobilizados, anunciou o porta-voz do Ministério do Interior, coronel Armando Nhaga. “Tomámos esta medida para garantir a segurança de todos. Nenhuma viatura não autorizada poderá circular”, disse. As eleições ocorrem quase 4 meses após o assassinato do anterior Presidente da República, João Bernardo Vieira.

Recorde-se que entre os principais candidatos à sucessão de Nino Vieira encontram-se o antigo Presidente Kumba Yalá, o ex-presidente da Assembleia Nacional Popular Malam Bacai Sanhá, Henrique Pereira Rosa, presidente actual presidente interino e Aristides Gomes do Partido Republicano para a Independência e Desenvolvimento (PRID). Francisca Vaz Turpin da União Patriótica Guineense (UPG) é a única mulher que se apresentou ao escrutínio. @

Pub.

Refrigeradores, Congeladores e o mais variado equipamento de frio para medicina
Refrigerators, Freezers and the most variety of cold equipment for medicine

Somos representantes do maior DOMETIC (Electrolux) em Moçambique e vendemos todo o tipo de equipamento de frio para medicina, garantindo assistência pós-venda.
We are the proudly representative of DOMETIC in Mozambique and we sell all kind of cold equipment for medicine, ensuring after-sale care.

Domestic (Electrolux)

Refrigeradores de Compressão e Caixas de Transporte
Este equipamento compreende: refrigeradores, congeladores, congeladores para conservação de vacinas e caixas de transporte, que permitem o transporte de vacinas dos centros de armazenamento para os vários pontos de vacinação (centros regionais, centros de saúde ou no decurso das campanhas de vacinação). Estes recipientes asseguram uma Cadeia de Frio ininterrupta até a mãe e criança - factor essencial para assegurar a efectividade de vacinas.
Os refrigeradores têm a sua maior funcionalidade, pois operam com energia alternativa: gás, petróleo ou energia solar, desta forma, desenhados para funcionar igualmente nas zonas rurais.

Compression Refrigerators and Transport Boxes
This equipment includes: refrigerators, freezers, vaccine freezers and transport boxes, which was designed for transport vaccines from different storage centres in the various vaccination sites (regional centres, health centres or as part of vaccination campaigns). These containers ensure an Unbroken Cold Chain up to mother and child - consistently essential for ensuring the effectiveness of vaccines.
The refrigerators has the most utility, because its works perfectly with alternative energy: gas, petroleum or sunlight energy, so that, well prepared to work in rural areas.

Actuals instalações: Rv. Juvino Machel, 778
Futuras instalações: Rv. 25 de Setembro, 2009 • Tel: +258 21 408088
Fax: +258 21408358 • Tel: 82 5088090 • E-mail: afritoool@netcom.mz
afritoool@verdade.co.mz • website: www.afritoool.com

Aprovado pela OMS
Certify by WHO



Para o leitor quem foi Eduardo Mondlane?

Responda por sms **8415152** ou **821115**

ou pelo e-mail: **averdademz@gmail.com**

Neda, o rosto que chama a revolta

Em farsi, o seu nome significa “voz” ou “chamamento”. E as imagens da sua morte, durante os protestos do último fim-de-semana, transformaram-na no símbolo da revolta que varre as ruas de Teerão. Os amigos dizem que adorava viajar e não tolerava injustiças. O regime quer que seja esquecida.

Texto: Ana F. Pereira/ “Público”
Foto: Google.com
Comente por SMS 8415152 / 821115

O vídeo chegou ao e-mail de Hamed, um refugiado iraniano na Holanda, na tarde de sábado. Um amigo telefonara-lhe pouco antes a contar que uma manifestante tinha sido morta ao seu lado, durante mais um protesto contra a reeleição do Presidente Mahmoud Ahmadinejad. O amigo captou o incidente no seu telemóvel e, pouco depois da conversa, as imagens chegavam ao e-mail de Hamed que, em cinco minutos, as colocou no Facebook e no YouTube. “As imagens chocaram-me muito”, contou o jovem iraniano ao ‘Guardian’: “Mas senti que tinha de as divulgar porque mostram ao mundo o que se está a passar no meu país.”

Há 20 anos, milhões assistiram incrédulos às imagens de um manifestante anónimo a enfrentar sozinho os tanques na Praça de Tiananmen, em Pequim. Agora, é a morte quase em directo de uma jovem nas ruas de Teerão que está a chocar o mundo, dando à revolta que há mais de dez dias varre a capital iraniana uma mártir e um símbolo da luta contra a repressão.

Sem o compreender, a poderosa hierarquia religiosa iraniana estava a sofrer, através da Internet, um dos piores reveses dos 30 anos de história do seu regime.

No espaço de horas, as redes sociais na Internet foram inundadas pelas imagens de Neda – quando ainda não se sabia se era esse o seu nome – e por alusões ao sucedido. Nesse mesmo dia, posters com o rosto ensanguentado da jovem surgiram numa manifestação contra o regime de Teerão em Los Angeles, onde reside a maior comunidade iraniana no estrangeiro. E tudo sem que os jornalistas conseguissem sair à rua para cobrir os protestos dos apoiantes de Mir-Hossein Mousavi.

As restrições à imprensa estrangeira e a censura nos jornais iranianos dificultaram a confirmação da história a cir-

cular na Internet e só aos poucos, quase sempre a medo, familiares e amigos de Neda aceitaram falar. O mito estava criado, mas a história tardava.

Apaixonada por viagens

Neda Agha-Soltan. Era o seu nome completo. Tinha 26 anos e era a segunda de três filhos de um funcionário público e de uma dona de casa de Teerão. Uma entre milhões de jovens iranianos nascidos depois da Revolução Islâmica de 1979, criados nos subúrbios em rápido crescimento da grande metrópole do Irão. Estudante de Filosofia Islâmica na Universidade Azad, em Teerão, Neda decidiu que o seu futuro passaria pelo turismo e inscreveu-se num curso para guias turísticos. A escolha da carreira, contam os amigos, era uma cedência à sua paixão pelas viagens, a sua curiosidade pelo mundo longe dos ditames da República Islâmica. Apesar dos modestos recursos, juntou dinheiro

de Música, Hamid Panahi. Era Panahi quem a acompanhava no sábado. É ele quem se ouve nas imagens que correram mundo: “Não tenhas medo, não tenhas medo. Querida Neda, não tenhas medo.” Deitada no asfalto, de braços inertes e olhos abertos, a jovem estaria já inconsciente quando o sangue começa a sair-lhe pela boca e pelo nariz apesar dos esforços desesperados de um médico que tentou ajudá-la.

Ignorando os alertas feitos pelas autoridades, Panahi contou aos jornalistas que ficaram presos no trânsito quando se dirigiam, com outros amigos, para a concentração prevista para essa tarde. Os tumultos estavam ainda longe e os dois decidiram sair para apanhar ar e ver o que se estava a passar. Ela estaria ao telemóvel quando soou o tiro: “Sem que ela tenha atirado sequer uma pedra, eles mataram-na.” Panahi diz ter ouvido apenas um tiro e recorda as últimas palavras de Neda – “Estou a arder,

Mas a família e os líderes da oposição responsabilizam a milícia Bassiji, um grupo paramilitar dependente dos Guardas da Revolução. Num post na Internet, o médico que a assistiu afirma que o disparo terá sido feito por um sniper, refugiado num telhado próximo. Panahi diz que testemunhas viram um grupo de agentes à paisana infiltrar-se na multidão antes dos disparos.

Um símbolo

A morte de Neda deu aos manifestantes uma heroína, uma mártir – um conceito “muito profundo” na política moderna iraniana e na tradição xiita, explicou Sanam Vakil, professora de Estudos do Médio Oriente na John Hopkins University, em Washington. Desde o imã Hussein (o neto do profeta Maomé, morto na batalha de Kerbala contra um califa que considerava ilegítimo) que “o sacrifício pessoal em nome de uma causa” se



lectivas”. “Ela era jovem, educada, aberta ao mundo e foi brutalmente assassinada”. A sua morte, acrescentou, “representa também as violações dos direitos humanos dos últimos 30 anos” cometidas no Irão.

Mashallah Shamsolvaezin, porta-voz da Sociedade para Defesa da Liberdade de Imprensa no Irão, concorda. O vídeo deu “um rosto” às vítimas e “mostrou que esta jovem era inocente e não estava a destruir coisas quando foi morta”, explicou ao ‘Financial Times’.

E na Internet os bloggers fazem eco da revolta. “Eu estou viva, mas a minha irmã morreu. Ela queria apenas que o vento fizesse esvoaçar o seu cabelo; ela queria ser livre”, escreveu uma mulher com o nome de Hana no blogue de Mehdi Karroubi, o candidato reformista que se juntou aos protestos liderados por Mousavi. Uma conta criada no Facebook em sua memória chama-lhe Anjo da Liberdade.

Mas a família garante que Neda não era uma activista política. “O objectivo dela não era [apoiar] Mousavi ou Ahmadinejad. A sua missão era o país”, disse o noivo Caspian Makan, ao serviço persa da BBC. Ao ‘LA Times’, a amiga Golshad recordou que tanto ela como os pais aconselharam Neda a não ir às manifestações de sábado. Mas ela era teimosa e, num arrepiante presságio, respondeu: “Não te preocupes. É apenas uma bala e depois acaba tudo.”

O professor de Música sublinha: “Com a sua presença ela queria dizer: ‘Estou aqui, também votei e o meu voto não

foi contado.” Foram as fraudes denunciadas pela oposição que a levaram a sair para a rua. “Ela não conseguia suportar a injustiça”, diz Panahi.

Funeral

Alarmado com a rapidez com que as imagens foram difundidas, o Governo apressou-se a minimizar os estragos. O noivo contou à BBC que o corpo de Neda “foi levado para uma morgue fora de Teerão” e só o entregaram à família sob a condição de o funeral ser rápido e discreto. Neda foi sepultada no cemitério de Behesht Zahra, nos arredores da capital, num talhão que, garante Makan, foi reservado para os mortos dos confrontos da última semana. Segundo o ‘LA Times’ não foram autorizados cânticos nem discursos.

No dia seguinte, um serviço em sua memória na mesquita do bairro onde morava foi proibido e os locais de culto da cidade receberam instruções para não aceitarem cerimónias com o seu nome. A família foi também obrigada a retirar os panos pretos que pendurara na fachada da sua casa, em sinal de luto.

Num país onde o luto tem os seus rituais definidos – é assinalado ao terceiro, sétimo e 40º dia após a morte –, as autoridades querem negar quaisquer pretextos para novas manifestações. Mas se a repressão policial pode dissuadir as pessoas de protestarem nas ruas, a juventude iraniana mantém viva a revolta na Internet e promete não esquecer Neda. Os blogues e o Twitter são as suas armas. @



para visitar a Tailândia e o Dubai e, há apenas dois meses, a Turquia.

Neda – cujo nome significa “voz” ou “chamamento” em farsi – adorava também música. Era uma cantora dotada (num país onde as mulheres estão proibidas de cantar em público) e tinha aulas de piano. “Era tão cheia de alegria. Era um raio de luz”, disse ao correspondente do ‘Los Angeles Times’ o seu professor

estou a arder” – mas confessa não saber quem disparou.

Com as imagens a correr mundo, as autoridades iranianas acusaram “terroristas armados” de terem disparado contra “vários manifestantes” e garantem que a polícia não tem ordens para abrir fogo sobre as multidões. “Eles são apenas treinados para usar o equipamento antimotim”, disse o chefe da polícia de Teerão, Azizollah Rajabzadeh.

tornou doutrina para os xiitas. E foi o culto dos mártires que morreram pela pátria que manteve o regime unido durante a guerra com o Iraque. Mas Vakil explica que mais do que uma mártir – o que faria com que partíssemos do princípio que o seu sacrifício foi voluntário – Neda tornou-se “um símbolo importante” dos milhões que se mobilizaram com a candidatura de Mousavi e pelas suas “aspirações co-

VAMOS CELEBRAR A NOSSA INDEPENDÊNCIA

COM OS MELHORES PREÇOS NO TIGER CENTER

Promoção
Válida de 22
de Junho à
02 de Julho

Era: 54.990,00MT

Agora:
35.490,00último
lançamentoSTOCK
LIMITADO

LCD-PLASMA

LG

42PG6000

ALTA DEFINIÇÃO - HD
Dv3 DIGITAL
4 HDMI
LÊ CARTÃO
DE MEMÓRIA
USB-DVIX



TV WESTPOINT

TF216MW

MULTISISTEMA
STEREO

Era: 5.950,00MT

Agora:
4.290,00

flat screen

APROVEITE OUTROS ARTIGOS EM PROMOÇÃO

WESTPOINT

WPC 5860

- Forno a Gás
- 6 Bocas a Gás
- Tampa de Vidro



Era: 10.990,00MT

Agora:
7.690,006 bocas
a Gás

FORNO DE BOLO

STOCK
LIMITADO

FORNO ELÉTRICO
2 RESISTÊNCIAS
PINDOLAR

Era: 1.390,00MT

Agora:
950,00

DVD LG

HT 353SD

DVD, VCD, CD, Mp3, F.M, AM. MIC2,
PHONE, USB DIRECT RECORDING,
KARAOKE, JPEG 300W, 5.1

Era: 6.990,00MT

Agora:
4.990,00

DVD LG



- Progressive Scan
- DVD, VCD/CD
- Dolby Digital
- Multizone
- DVX . Mms
- Mp3

Era: 2.490,00MT

Agora:
1.790,00

VIDEO SHARP



MULTISISTEMA
2 CABEÇAS
99 CANAIS TV

Era: 2.990,00MT

Agora:
999,00STOCK
LIMITADOLCD 32T400
SONY BRAVIA

Era: 32.990,00MT

Agora:
23.990,00DVD
WESTPOINT

- MPEG4/DVD/DVX/HDCD/MP3/CD-R
- Audio Output, S-Video/ Video Output
- Double Karaoke Input Jack System
- Full Function Infrared remote control
- High Quality Digital Audio Output

Era: 1.590,00MT

Agora:
1.000,00

**TIGER
CENTER**

O MAIOR CENTRO DE ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Ho Chi Min, 710 - Maputo
Tel: 21 360786 - Fax 21 321898

Visite-nos e beneficie destas magníficas ofertas
DESEJAMOS A TODOS MOÇAMBICANOS FESTAS FELIZES



Texto: Pedro Barbosa *
pbarbosa@gmail.com

PuraMente



Nome:
A Geografia
das
Compras

Autor:
Paco
Underhill

Data:
Dezembro
2004

Editado originalmente nos Estados Unidos em 2004, na sequência do sucesso de vendas que foi "A Ciência das Compras", este livro - de Paco Underhill - teve tradução o em língua portuguesa em 2009.

Trata-se de uma obra que está destinada a todos os técnicos gestores ou curiosos que pretendam apreender sobre o local onde se realizam as trocas comerciais: lojas, armazéns e sobretudo centros comerciais.

Os capítulos são uma simulação do que consiste uma visita a um centro comercial, numa ótica de estudo comportamental dos seus visitantes e de técnicas dos que gerem os espaços comerciais e unidades de retalho especializado. A importância do parque de estacionamento, da segurança, da manutenção ou da limpeza são sublinhadas, em paralelo com a necessidade de uma gestão o menos imobilizadora e mais comercial.

De certa forma, os gestores portugueses de centros comerciais não aprendem o tanto como os de outros países com este livro, dado que neste sector Portugal tem um standard internacional de liderança - como refere o próprio livro, com várias referências ao Vasco da Gama e ao Colombo.

Enquanto explicita e deambula sobre temáticas de valor apenas para o cluster, Paco Underhill não deixa de se questionar sobre o que acontecerá à enorme massa de centros comerciais que em breve terão mais de 20 anos, uma questão incontornável no contexto do comércio americano, como também da própria sociedade - famílias, bairros, emigrantes e demais flutuações que dependem destes gigantes do comércio. Num livro que vale a pena para quem se preocupa com o tema, mas está muito longe de ser obrigatório, o autor termina perguntando se não será o centro demasiado hermético e assim um fiasco ameaçado por soluções mais convenientes e apetecíveis.

Pedro Barbosa - Docente no IPAM

Texto: Filipe Ribas
Foto: Arquivo
Comente por SMS 8415152 / 821115

Hoje, de novo, está o mercado inundado de frango barato, entre brasileiro e de outras origens também nem tanto fiáveis. O próprio sistema de venda já sofreu mutações tais, que se não fala de unidade, mas de embalagem de dezenas e dúzias. Feitas as operações de divisão para encontrar o preço por unidade, temos o seguinte quadro: frangos de 48, 56, 68, 70, 81, 90, 100 e 110 meticais cada, o que significa comprarmos passarinhos desde 470 gramas até à aceitável galinha de quilo e meio. Para os primeiros preços, bem se pode ver que o melhor é comprar caldo, que sai em conta na produção do sabor satisfatório à numerosa família típica moçambicana.

Enquanto isso, mães e crianças ficam de sol a sol, comendo a poeira que o movimento produz, na expectativa de vender pelo menos um frango para o Oriente do dia. Antes de cada frango sair, vai o costureiro regateio do preço, em que o potencial comprador faz questão de dizer que pode comprar uma congelada na esquina mais próxima.

Pequenos criadores

Perante a evidência dos factos, e numa descida em degraus de cinco a cinco, vai um frango de cem passar para oitenta meticais. Estamos a falar do frango vivo que, com o decurso do tempo, à água e farelo de milho, vai minguar, perder peso, ter de baixar ainda mais o preço, com pena de podermos apenas levar penas para a casa. Para as vendeiras que adquirem no criador acabam por sair em quebra durante o regateio, perdendo toda a margem de lucro, não recuperando o valor do transporte, valor taxado pelo município, e lesando uma parte do próprio capital investido. Só a expectativa de melhores dias faz-las voltar ao agiota ou microfinanças solicitar crédito para nova investida.

Em relação aos que vendem produção própria, o quadro é o seguinte: tentar mercadejar o frango de modo a repor os valores correspondentes aos



custos de produção, nem sempre calculados com a ciência que eles exigem, por virtude daquelas pequenas despesas que vão ficando por conta de que sempre existiriam, mesmo que se não fosse criador de frangos.

Detalhados, os custos de produção de cem frangos fornecem o seguinte espectro: seis sacos de ração, entre A0, A1 e A2, dispensável o primeiro padrão, que somam quatro mil e oitocentos meticais, ao que se devem acrescentar duzentos meticais de transporte da mesma, em falado deste nosso sector familiar. Mil e seiscentos meticais é o preço de cem pintos, mais cinquenta meticais para fazê-los chegar ao domicílio do criador. Aloquemos trezentos meticais para as vacinas e deixamos de parte as necessárias vitaminas e os precavidos medicamentos próprios.

A água, a energia eléctrica ou o carvão, que também se incorporam nos custos, não foram aqui mencionados, muito menos a fundamental mão-de-obra, cuja remuneração é incontornável, ainda que para meros efeitos do que chamamos reprodução do meio de produção. Mesmo com este salto todo, ignorando etapas, cada frango está hoje, em Moçambique, a custar setenta e dois meticais para ficar pronto para o abate. E como, pela

Já leu a introdução do livro que a Verdade traz para si gratuitamente, o que comenta sobre a introdução?

Responda por sms **8415152** ou **821115**

ou pelo e-mail: **averdademz@gmail.com**

certa, os cem pintos não produzem exactamente o mesmo número de frangos, por via das razoáveis quebras, acabamos por fixar em oitenta meticais o custo de produção por unidade. Portanto, o preço mínimo a que deveria ser colocado no mercado é de oitenta e cinco meticais a unidade.

Como é que o sector familiar e de subsistência consegue, mesmo assim, sobreviver? Primeiro, alimentar menos bem os pintos, poupando, racionalizando a ração, fazendo-os comer apenas para não morrerem a fome, numa primeira fase de vida. Levando mais tempo a dormir que a comer e vivendo no género de "onde come um, comem dois" por aí adiante. Segundo, enchê-los de comida quando atingem a fase mais próxima do abate, de modo a adquirirem, em pouco tempo, o peso ideal para o mercado. Com este procedimento, não se gastam os recomendados seis sacos por cada cem pintos/frangos.

Grandes criadores

Consumir frango nacional. Eis a proposta da AMA, na voz dos próprios frangos. Na mesma corrente, a Higest, maior fornecedora nacional de rações - não nacionais - diz que compra toda a produção para abate. Portanto, já tem outro matadouro, este para frangos e não para as débeis

economias dos criadores. De ambos os lados poder-se-ia inferir que os produtores estão protegidos, numa perspectiva de que o consumidor é que se encontra imprevisto para abraçar o produto nacional. Mas as coisas não são, nem de longe, assim.

O consumidor moçambicano, que vive deste magro e incerto salário que conhecemos, compra o frango mais barato, que do sabor cuidam os temperos e a perícia de cada cozinheiro, que nem se está em tempos de mimos ao paladar. Tem é o frango nacional que ombrear com o preço do importado.

Não podendo fazer isso, porque os custos de produção estão nestes níveis elevados, vamos colocar a questão noutros termos. Quem é, afinal, o maior interessado na importação destes frangos congelados? Aliás, se chamarmos ao acto de trazê-los para Moçambique uma importação, qual a razão de fundo para importarmos aquilo de que não carecemos no país? Estamos perante uma situação em que o país disponibiliza ou movimenta divisas para adquirir o que tem em demasia.

Ainda que possa ser à luz da liberalização, os acordos vigentes na zona da SADC não podem, por inércia e alastramento, incluir o Brasil e o Dubai. Tanto assim é que o tal frango brasileiro levantou

polémica quando invadiu os Estados Unidos da América, onde as autoridades se preocuparam em proteger a produção nacional, para lá da suspeita que não deixou de pairar sobre a natureza de tão baixo preço.

De modo que, se outros interesses não sobrelevam, entre compromissos de capitais e interesses empresariais, é natural que o Governo faça questão de travar esta erosão sobre os preços do frango, sob pena de acabar por matar a actividade avícola em Moçambique. Que a AMA e a Higest não nos digam para consumir frango nacional, mas criem condições para que os custos de produção baixem. Produzam ração nacional, que Moçambique já teve fábricas disso, que até exportavam. Quem se não lembra da Provimi?

Um moçambicano vivendo entre África do Sul e Moçambique disse textualmente o seguinte: "...que país a sério, com uma produção nacional, estimula os produtores a investirem, e ainda os deixa desprotegidos perante uma invasão de produtos estrangeiros, sem, nem sequer, serem de melhor qualidade? O que fazem com as bebidas para protegerem a CDM ou quando não permitem a entrada de uma terceira operadora de telefonia móvel é quanto deveriam fazer com os frangos e..., ponto final".@

@Tema de Fundo

És homem
da Verdade?

Graça Machel recusa um futuro político, mas está atenta “Faço as coisas que escolhi”

Graça Machel, de 63 anos, irradia energia, quando se prepara para mais uma viagem de Maputo a Joanesburgo. Foi casada com Samora Machel, ministra da educação em Moçambique, criou a Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade (FDC). Em 1998, Nelson Mandela quis casar com ela, e ela ofereceu-lhe o casamento como prenda de aniversário. Carinhosamente, chama-lhe “Madiba”. A política está fora do seu horizonte.

Texto: Cândida Pinto/ “Expresso”
Foto: Sérgio Costa
Comente por SMS 8415152 / 821115

Admite candidatar-se a algum cargo político?

Eu deixei a política em 1993 quando saí do Parlamento. Hoje, não vejo o meu futuro na política. Sabe, eu estou muito confortável. A política iria amarrar-me. Já não estou na idade em que me vão mandar fazer alguma coisa.

Como é a sua vida hoje?

Eu estou entre a FDC, que é o espaço principal onde faço a minha intervenção social, aqui em Moçambique, mas também tenho muitas agendas internacionais. A agenda da Mulher, trabalho com a SADEC, estou envolvida com a Global Alliance for Vaccines and Immunization. Faço vários trabalhos internacionais, mas tenho os meus pés aqui. Faço as coisas que escolhi.

Como é que avalia o estado da democracia em Moçambique?

Temos as instituições com mandatos muito claramente definidos. Mas a democracia é um processo e estamos a precisar de uma reflexão clara sobre o exercício dos direitos dos cidadãos.

No mês passado tomou posse o novo presidente-eleito na África do Sul. Como é que Nelson encarou a eleição de Jacob Zuma?

Eu devo dizer que “Madiba”, é como eu o trato, “Madi-ba” muito disciplinarmente apoiou aquilo que a maioria dos membros do ANC decidiu. Penso que o tempo na prisão fez dele uma pessoa

extremamente disciplinada. Ele aceita Zuma porque a maioria dos membros do ANC o propuseram para Presidente e, como viu, foram cerca de 11 milhões a votar nele no ANC.

Mas não acha que a comunidade internacional olha com alguma desconfiança para este novo Presidente sul-africano?

Existem algumas inquietações à volta da personalidade dele. Mas o ANC considera que ele é o melhor para os liderar. Devemos dar-lhe uma oportunidade para se revelar. Não existe à volta dele, é verdade, a mesma tranquilidade que havia com “Madiba”, mas “Madi-ba” não é só uma pessoa... ele tem uma história...

Única..

Aquele tipo de personalidades não aparece duas vezes numa geração.

Acha que Obama tem pontos em comum com Mandela?

Obama é produto de uma luta de gerações como “Madiba” foi. O Obama não é fruto da juventude que o elegeu agora em 2008. É preciso voltar muito atrás e ver toda a luta de escravos, e a sua libertação.

O Obama aparece num momento em que apesar de ter a pele escura não é um Presidente negro, é um Presidente dos Estados Unidos, e é a esperança de muitos milhões do mundo.

Acha que ele vai conseguir uma mudança?

Ele tem uma tarefa gigantesca para mudar. Trouxe



@Plateia

Suplemento Cultural



João 'Palma' Ouro

No passado mês de Maio, João Salaviza, um jovem realizador português de 25 anos, saiu, num ápice, do anonimato para a fama. Com o filme 'Arena', uma curta-metragem de 17 minutos, o 'miúdo' arrebatou aquilo que nenhum português até agora havia conseguido: a Palma de Ouro no festival de cinema de Cannes, o mais conceituado do cinema europeu.

Texto: João Vaz de Almada
Foto: João Vaz de Almada
Comente por SMS 8415152 / 821115

@ VERDADE (V) - Podes apresentar-te?

João Salaviza (JS) - O meu nome é João Salaviza, tenho 25 anos, sou natural

de Lisboa, estudei cinema na Escola Superior de Arte e Cinema (antigo Conservatório) tendo-o concluído na Universidade de 'El Cine' em Buenos Aires, na Argentina, ainda não me considero um realizador mas

estou a caminho disso. Vim a Moçambique a convite do INAC para apresentar o filme "Arena", que é uma curta-metragem de 17 minutos que venceu o festival Indie Lisboa e conquistou a Palma de Ouro em Cannes.

(V) - Na véspera de vences a Palma de Ouro em Cannes disseste que "Arena" não era ainda um filme para ganhar um galardão tão alto. Esta frase pode ser entendida como modéstia ou o filme não tinha

continua pag. 16 →



Tiremos o chapéu para Marlene!

Texto: Alexandre Chaúque
Foto: Miramar
Comente por SMS 8415152 / 821115

Se ela tivesse perdido é que seria notícia. Porque ao longo das oito semanas que durou o concurso "Dança dos

Artistas", promovido pela Rede Miramar, com o patrocínio da Vodacom, foi, sem dúvida, a nossa "preta negra" que esteve no lugar mais brilhante, no seio de outros

continua pag. 17 →

MAPUTO IGNORA CINEMA DA CPLP

Texto: Alexandre Chaúque
Foto: Sérgio Costa
Comente por SMS 8415152 / 821115

Um dos pontos importantes que qualquer andante de festivais de cinema em todo o mundo vai exigir em eventos do género é organização. E em Maputo não houve isso. O Primeiro Festival de Cinema da CPLP, realizado na capital moçambicana, de 18 a 25 de Junho, poderá ser classificado como tendo sido completamente desorganizado. Ressalta-nos à retina o facto de termos sido bombardeados, na abertura, por um clip turístico dos países participantes, quando, em casos destes, o festival inaugurado com o melhor filme do país acolhedor. Tivemos casos em que países como a Guiné-Bissau e Cabo Verde, vieram sem os respectivos filmes, criando, logo, um embaraço. Por vezes éramos anunciado um filme numa determinada sala e, quando lá chegássemos, a película era outra. Segundo Gabriel Mondlane (cineasta moçambicano), durante o festival houve poucos encontros entre os fazedores de cinema e, quando isso acontecia, porque os que se juntavam já se conheciam de outras realizações mundiais.

A cidade de Maputo praticamente não sentiu a passagem da 5.ª Tima Arte da CPLP. Já se previa isso porque a publicidade que antecedeu ao acontecimento foi por demais fraca. Desvalorizando, logo a partida, um acontecimento que teria contribuído sobremaneira para o fortalecimento das relações culturais dos países falantes da língua portuguesa. E sentirmos o que se faz noutros países.

Nas salas, não encon-

tramos praticamente nenhum cinéfilo, ficando claro que havia um completo desinteresse em ver os filmes da CPLP, por parte dos maputeneses. Mas este vazio era corrigido nos bairros, onde, quando para lá se fosse fazer projecções, o povo aderiria. E isso, citando Gabriel Mondlane, sinal de que a população está com sede de movimento, de alguma coisa para alimentar o espírito.

O fracasso do Primeiro Festival de Cinema da CPLP, pode ser outorgado ao pouco envolvimento dos próprios cineastas, que pareciam estar do outro lado. Um festival destes tem que ser dirigido por quem sabe o que é cinema. Que entende bem os contornos desta arte.

Muitos amantes de festivais de cinema quando saíram dos seus países para aqui, pensavam que viriam encontrar um verdadeiro festival, como tem acontecido em situações semelhantes. Não vamos falar da qualidade das obras apresentadas, porque, como se trata de uma primeira realização, o importante é que ela tenha acontecido, com todos os seus erros de palmaria. Uma palmaria que vai para o Instituto Nacional de Audiovisuais e Cinema (INAC).

Ficou a impressão de que os maputeneses deliraram mais com a vinda do brasileiro Foguinho e dos angolanos Lembinha e Sidónio, do que propriamente com o Primeiro Festival de Cinema da CPLP. Que esperamos tenha deixado ensinamentos com os erros cometidos, para que eles não voltem a acontecer.



ESTA PÁGINA É OFERECIDA POR:

Importadores e Distribuidores de Papel

Av. de Angola, 2732 - Tel. +258 21 467 121 - Fax +258 21 467 117 - Email: skipco@tdm.co.mz

A verdade esta no Papel



@Plateia Cultural

Suplemento



continuação → **JOÃO 'PALMA' OURO**

qualidade para alcançar tão elevado troféu?

(JS) - Acho que o filme tem qualidade para isso. É um filme que, formal e esteticamente, tem uma linguagem muito própria e por isso podia destoar daquilo que é normalmente apresentado no festival. Considero-o um filme com algumas particularidades e achei que, talvez por essa razão, pudessem não jogar. Mas aconteceu precisamente o contrário: o júri entendeu que essas particularidades eram interessantes.

(V) - E quais são essas particularidades que achavas que o júri não ia considerar?

(JS) - Por um lado é um filme que tem uma ligação ao mundo real. Esta película desliga-se um pouco do um certo cinema poético, mais lírico que estamos habituados a conotar com o cinema português. É um filme que versa sobre a violência juvenil, rodado num bairro dito problemático, as personagens não são estereótipos de outros filmes que se resumem ao bom e ao mau. Por outro lado, a maneira como a violência foi filmada tornou-o particular. Tentei que a câmara não reiterasse aquilo que as imagens por si só já diziam. Hoje vê-se um cinema em que a câmara assume o ponto de vista de um personagem. Isso é muito visível nas cenas de violência. A câmara treme mais, mexe-se, cai ao chão, às vezes o sangue vai contra a lente... isso é um tipo de cinema que está a resultar, muito por influência da publicidade, a câmara reitera aquilo que estamos a ver. Resolvi fazer exactamente o oposto: filmei a violência com planos fixos, com distância, com tempo para as personagens e deixo as conclusões para o espectador. Nesse sentido "Arena" é um filme aberto.

(V) - Tiveste apoios de quem para fazer o filme?

(JS) - O filme foi possível com subsídios do ICA (Instituto do Cinema e do Au-

diovisual) e da RTP. O orçamento anda à volta dos 50 mil euros, montante normal neste tipo de películas.

(V) - O actor principal, Carloto Cotta, não é muito conhecido do grande público. Alguma explicação para isso?

(JS) - De facto, o Carloto Cotta está no começo, embora já tenha tido pequenos papéis com o João Pedro Rodrigues e nas curtas do Miguel Gomes. No início achei que ia trabalhar exclusivamente com não-actores porque sinceramente achei que ia ser muito difícil encontrar um actor profissional que conseguisse assimilar os códigos muito próprios da rua, de bairro, porque não queria que o filme tivesse aquela representação teatral, artificial. Pretendia que fosse o mais real possível. O Carloto, embora não viva nesses bairros, conhece muito bem aquela vivência e fez um excelente trabalho de pesquisa. Em relação aos três miúdos que aparecem são não-actores. São miúdos de bairros próximos de Chelas - onde se passa o filme - ditos problemáticos, e por isso conhecem perfeitamente os códigos de violência que estão representados no filme. O trabalho foi precisamente o contrário do normal: tentar fazer com que eles não representassem, que fossem o mais possível fiéis aquilo que conhecem. A escrita dos diálogos foi toda refeita pelos miúdos. Isso foi uma das mais-valias do filme porque os diálogos que inicialmente escrevi não faziam sentido na boca dos miúdos. Eles apropriaram-se do texto e fizeram como se fosse o seu dia-a-dia. Por isso está muito credível.

(V) - Viste potencial nesses miúdos para a participação em filmes futuros?

(JS) - Vi potencial em todos eles. Não sei se eles quererão um dia ser actores - eu não recomendo porque a vida de actor é muito difícil sobretudo em Portugal - mas o potencial está lá.

(V) - Como é que encaras o facto de realizadores portugueses tão consagrados como Manoel de Oliveira, João César Monteiro, Pedro Costa e tantos outros nunca terem conquistado o troféu máximo em Cannes e tu, logo à primeira, consegues levar para casa a Palma de Ouro?

(JS) - Para mim há uma ironia enorme nisto tudo. Eles mereciam o troféu muito mais do que eu. Mas eu não tenho culpa de o ter ganho. Claro que é óptimo esse reconhecimento. É excelente. Acho que se isto servir, de algum modo, para capitalizar o cinema português, não apenas fora de Portugal mas sobretudo em Portugal, já é óptimo. Se este prémio contribuir para chamar a atenção das pessoas já fico muito contente. É óptimo para o cinema português que os filmes vençam prémios.

(V) - Com este prémio não temes o sucesso muito rápido? Não terá sido cedo demais?

(JS) - Tenho dito quase sempre que os filmes são anteriores aos prémios e até mais importantes do que eles. O filme não foi feito a pensar no prémio, nunca imaginei sequer que ia com ele a festival de Cannes. Os prémios são exteriores aos filmes mas tento separar as duas coisas. É assustador sentir que as atenções agora estão muito mais centradas em mim, que o próximo filme vai ter uma curiosidade extra como, por exemplo, ver o tipo que obteve a Palma de Ouro como é que vai dar o salto da curta para a longa-metragem. Esta passagem, da curta para a longa, é um terreno traiçoeiro e é frequente muitos realizadores se espetarem.

(V) - Em relação à literatura os entendidos dizem que não há grandes escritores antes dos 40 anos, porque ainda não houve tempo para se ler muita coisa. Achas que isso é válido para o cinema? Há grandes realizadores com menos de 40 anos?

(JS) - Acho que essa limitação não é muito válida para

o cinema. O 'Citizen Kane', que ainda hoje é considerada uma das obras-primas do cinema, foi realizado pelo Orson Welles, com 23 ou 24 anos, e é uma obra-prima indiscutível.

(V) - Como é que lidaste com a fama de um dia para o outro?

(JS) - Foi muito estranho. Eu era um ilustre desconhecido antes do festival de Cannes e agora sou muito conhecido. Mas falou-se mais em Cannes do que no filme. Mas espero que quando o filme estreiar nas salas o exotismo associado ao prémio desapareça um pouco, dando espaço a que se fale efectivamente do filme.

(V) - Porque é que escolheste esta temática para o 'Arena'?

(JS) - A resposta é um pouco instintiva. Os irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne, realizadores belgas que eu admiro imenso, dizem que toda a obra de arte deve responder a uma questão, deve ser uma reacção a qualquer coisa, a desconfortos que não compreendemos. Acho que há um paradoxo tremendo na revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal: no momento em que estávamos a construir uma democracia começou-se a definir zonas geográficas para ricos e para pobres, estas últimas com disfunções sociais tremendas emanando delas uma violência crescente. Foi por isso que escolhi esta temática, para mostrar esse mundo. Vou continuar a filmar nestes bairros porque acho que estas pessoas não são representadas pelo cinema. Não nos podemos esquecer de que os primeiros filmes dos Lumière em França retratavam a saídas dos operários das fábricas. O cinema surge como uma resposta à pintura que era altamente elitista. O cinema veio dar imagens às pessoas que não tinham nada. O cinema que se faz em Hollywood é perverso: serve para representar estrelas e eu acho que o cinema deve representar pessoas e não estrelas.

(V) - Sei também que és contra o cinema moral.

(JS) - Sei que é impossível dizermos que um filme é totalmente amoral. O próprio local onde pousamos a câmara dá-nos um ponto de vista. Mesmo assim, tento que os meus filmes sejam amorais e que o espectador contribua com as suas experiências para o filme que está a ver, criando ele próprio a sua moral.

(V) - Quais foram as tuas grandes referências cinematográficas?

(JS) - O neo-realismo italiano com Visconti, Vittorio De Sica, os primeiros filmes do Pasolini. Depois o cinema independente americano dos anos 70, os primeiros filmes do Martin Scorsese e do Francis Ford Coppola e, mais recentemente, um realizador iraniano que é o Abbas Kiarostami.

(V) - Conheces o cinema que se faz em Moçambique?

Não, infelizmente não. Está muito pouco divulgado fora do país.

(V) - Achas que Moçambique poderia ser uma boa fonte de inspiração para um filme teu?

(JS) - Sem dúvida, mas tinha que vir para cá algum tempo antes para sentir a realidade, tem necessariamente de haver essa aproximação. Sem dúvida que há aqui muita matéria. O que me cativa são as contradições e os contrastes nas imagens e Moçambi-

que tem, por um lado, uma classe que está a crescer a olhos vistos mas, por outro lado, ainda há grandes bolsas de pobreza. Esses contrastes têm de ser filmados.

(V) - Achas que se pode falar de um cinema lusófono enquanto cinema em si, como um todo?

Acho que não. A maneira de contar histórias é intrínseca a cada cultura. A anglosaxónica tem uma maneira mais arquetipal de contar histórias, os franceses têm outro modo de contar histórias, os espanhóis possuem a sua ironia, o seu sarcasmo, os portugueses têm uma maneira mais melancólica que não tem nada a ver com a maneira de contar histórias de um moçambicano, angolano ou cabo-verdiano. Mas acho que faz sentido aproveitar a língua comum para divulgar os filmes. A língua comum é um privilégio que tem de ser potenciado.

(V) - Esses filmes deverão ser legendados?

(JS) Se eu não perceber bem a fala dos actores acho que não deve haver o preconceito de legendarmos porque esse é o objectivo das legendas. Mas é também uma questão de educar o ouvido.

(V) - Um actor da tua eleição?

(JS) - Sean Penn.

(V) - E um filme?

Não consigo mesmo fazer essa escolha porque os meus gostos vão mudando muito.



@Plateia Cultural Suplemento

Bitonga Blues

Texto: Alexandre Chaúque
siabongafirmino@yahoo.com.br
Comente por SMS 8415152 / 821115



O demente está a dançar diante da estátua de Samora!

Embora os homens costumem ferir a minha reputação e eu saiba muito bem quanto o meu nome soa mal aos ouvidos dos mais tolos, orgulho-me de vos dizer que esta Loucura, sim, esta Loucura que estais vendo é a única capaz de alegrar os deuses e os mortais.

Erasmus de Rotterdam

Em Kingston (capital da Jamaica) - no tempo de Michael Manley (falecido em 1997) - o povo enfureceu-se, sublevou-se, e destruiu a estátua de Bob Marley, que acabava de ser inaugurada. Eles achavam que a imagem do seu ídolo estava destorcida e que o arquitecto a quem tinha sido incumbida a missão de eternizar o “pequeno deus”, não mais devia ser chamado.

Recordei-me desta história de grandeza de um povo que vai seguir o seu ídolo até às últimas consequências, quando, no último domingo, a caminho do “Scala” onde decorria o “Dança dos Artistas”, vi um demente, completamente nu, a dançar diante da estátua de Samora Machel, localizada na baixa da cidade de Maputo, em frente à entrada principal do Jardim Tunduru.

O homem dançava uma dança estranha e, todos aqueles que o viam, paravam para ver melhor. As mulheres, que olhavam para o órgão sexual do personagem - que abanava ora para cima, ora para os lados - chegavam mais perto para admirar o espectáculo, e riam-se com as mãos a taparem falsamente o rosto. Eu também cheguei perto na pesquisa dos detalhes.

Era fim de tarde e a baixa da cidade de Maputo está aparentemente despovoada. Não faz nem frio nem calor. Os fotógrafos ambulantes que costumam estar naquelas paragens não estão nos seus postos. Na fachada do “Gil Vicente” não está ninguém, nem nada, senão os cartazes que nos indicam as caras de alguns dos nossos respeitáveis músicos. Não há carros na estrada, que bom!

O demente está a dançar. Dançar a valer! Uma dança estranha que nunca vi. Dança diante da estátua de Samora Machel, que tem o dedo indicador direito em riste. O homem dança que dança e veio-me à memória o dia em que um corvo, poisado na pala do boné do ex-guerrilheiro, mandou uma “caganita” e bateu as asas, sem saber que aqueles excrementos - mesmo sendo inofensivos - estavam sendo depositados na cabeça de um grande personagem, que representa um povo inteiro.

Muitos apressaram-se a afirmar que o homem que dança na “cara” de Samora Machel era um demente. E eu também já tinha chegado a essa conclusão. Mas, se aquele homem era um demente, então tinha algo supremo, algo estabelecido para além das nossas percepções de humanos, que guiava os seus movimentos. Parecia dançar atento a um som que nós não vamos ouvir. Os seus movimentos eram sincronizados. Era fiel ao espaço que ocupava nas suas movimentações, nem mais, nem menos um centímetro. As mãos, quando baixavam, iam até ao mesmo nível de todos os abaixamentos que fazia. Quando eram erguidos, iam para a mesma fasquia de todos os levantamentos. O balanço do seu órgão sexual, também obedecia à mesma cadência: duas vezes para a direita, duas vezes para a esquerda, duas vezes para cima, duas vezes para baixo.

Nunca tinha visto uma dança igual, ainda por cima protagonizada por um homem - de acordo com a aclamação unânime - demente. Um demente que agora nos vai mostrar que a sua demência é de uma loucura superior à nossa condição de simples terrenos.

Parou de dançar. Dirigiu-se ao pedestal onde se ergue a estátua de Samora. Olhou para nós com desdém e disse: “Vocês acham que esta estátua tem a ver com o homem que sempre adorastes e seguistes durante onze anos? Seus pobres! Seus desgraçados!”.



continuação → **TIREMOS O CHAPÉU PARA MARLENE!**

pontos de iluminação. Marlene embolsou quinhentos mil meticais - resultado do prémio instituído - e flores e beijos. Foi para casa feliz. E deixou para trás um roteiro de trabalho. Espectacular.

Desde o princípio até ao fim, esta mulher feita artista com total entrega do corpo ao palco, parecia que obedecia à subida gradual de uma escada difícil que a levava ao pedestal. Marlene subia com determinação porque, para além de querer chegar onde queria chegar, sabia que podia chegar. Todas as gazuas para escancarar as portas provavelmente herméticas que se podiam estender no seu caminho estavam com ela. Também tinha uma outra ferramenta, que será bastante importante para isso: a humildade. Uma humildade que foi reconhecida e respeitada pelas suas professoras.

Marlene é daquelas artistas que tiram - quando estão na arena - todos os preconceitos e orientam-se por aquilo que devem fazer. Pela eficácia. Ou seja, ela irá pensar: ou faço, ou não faço. É uma pantera que se vai mover com destreza, vestindo várias peles, executando a salsa, o achê, a marrabenta, o rock and roll, o kwaito e tudo aquilo que você lhe der para dançar. É uma artista de verdade.

A vencedora deste primeiro concurso de “Dança dos Artistas” envolve pelo facto de, estando no palco a dançar, todo o seu corpo estar lá, incluindo a expressão facial, que é fundamental nesta matéria. É uma gata que controla quase com perfeição a sua extravagância. O

seu corpo foi feito para obedecer. Obedece. E ela sabe dirigi-lo.

Já a tínhamos visto dançar em palco, mas em ocasiões em que a sua função não era propriamente essa, e adivinhávamos uma verdadeira maluca. Porém, nunca tínhamos pensado que essa maluca teria tudo para atingir uma fasquia tão dourada, usando o corpo como arma de trabalho.

Parabéns Marlene. És uma grande artista. O prémio que recebeste, as flores, o carinho, os corações, ficam-te muito bem. Força!

Estão de parabéns os outros todos, que nos deram festa durante oito semanas. Que nos ofereceram outras propostas numa cidade cosmopolita cada vez mais festiva. A nossa vénia para Miss Did, Miss Zav, Anita Macuacua, Adélia Gil, Tony Django, Fill, N’Star, Oliver Style e Edu.

Sim, senhor!

Comparativamente aos outros programas de entretenimento que já foram produzidos pelas nossas televisões, este é que terá ficado - na nossa opinião - mais próximo da realidade, em termos de votação. Tanto os membros do júri, como os votantes telespectadores, e muitos outros que apenas acompanhavam o programa pela televisão mas sem votar, mostram estar em pleno acordo que o prémio tenha ido para Marlene. Porque ela justifica-o desde o princípio ao fim. Entretanto o mesmo não se pode dizer em relação aos vencedores,

por exemplo, do Fama Show e do Show de Talentos, que foram erguidos - alguns deles - apenas pela força do voto e não propriamente pela sua competência. Agora sim, Marlene foi hasteada pela sua capacidade e arte.

Num universo de 10 artistas, Marlene ganhou com uma percentagem de 27.98 por cento, seguida de Fill, com 25.52 e Anita Macuacua, com 12.42 por cento.



ESTAMOS FELIZES

- Alexandre Mari

Os produtores deste primeiro “Dança dos Artistas”, na voz de Alexandre Mari, mostram-se agradavelmente surpreendidos com os resultados alcançados.

Fizemos um trabalho que pretendia estimular a cultura e a resposta que tivemos foi uma participacão intensa, tanto da parte dos artistas, como dos pr prios m sicos .

Refira-se que este concurso estava inicialmente projectado para todos os artistas que fossem populares, independentemente da rea que representam, mas imperativos de agenda n o permitiram que desta vez pudessem estar. Mas na pr xima ediã o contamos com eles, porque os resultados que tivemos desta vez estimulam-nos a isso. Imagina, por exemplo, podermos contar com o actor de teatro M rio Mabjaia! .

Dança dos Artistas “mexeu” com Moçambique inteiro, menos Lichinga, capital de Niassa, que só passou a ter sinal da Miramar a partir da terÁa-feira. Seja como for, estamos muito felizes. Achamos que os artistas que participaram tamb m sentiram isso , conclui Alexandre Mari.

“Qualquer critério no mundo é subjectivo”

- Vasco Rocha

O director da DDB, Vasco Rocha, recebeu @Verdade no seu escritório para falar do Moçambique Music Awards (MMA), e na conversa deixou claro que o concurso é um produto da sua empresa. Para o empresário, o argumento segundo o qual os músicos da “velha guarda” não se inscreveram porque o concurso não envolve quantias em dinheiro é falso. Ainda assim, não se coíbe de falar das nomeações, até porque os critérios estão claros, mas não percebe o porquê de as pessoas olharem para o MMA como fruto de guerra entre marcas. Uma coisa é certa, outros produtos da DDB já foram patrocinados por outras marcas e não deixaram de ser da DDB só por isso.

Texto: **Rui Lamarques**
 Foto: **Sérgio Costa**
 Comente por SMS 8415152 / 821115

@Verdade - De quem é MMA?

Vasco Rocha (VR) - O projecto MMA, tal como outros que estão em curso, é um produto da DDB. Obviamente que qualquer projecto precisa de ter fundos para poder ser levado a cabo e, portanto, as marcas que estão envolvidas na plataforma (desses projectos)... quer na música, no desporto ou noutra área qualquer patrocinam porque acham que o produto tem valor.

@Verdade - O patrocinador, neste vertente, pode intervir directamente no produto?

VR - Isso não lhes dá, digamos, a pertença em termos de decisão. Apoiam o projecto e envolvem-se no projecto. Participam naquilo que são as ideias na parte do marketing e, obviamente, contribuem com alguns fundos mediante aquilo que são os custos estimados do projecto ou até os pedidos por parte da organização em termos de valores.

@Verdade - Alguns círculos de opinião na arena musical, sobretudo, insistem em referenciar o MMA como um braço da mcel...

VR - O MMA é um projecto da DDB assim como é o Faces e o MFW. Aliás, são projectos que algumas vezes foram patrocinados por outra marca. No caso dos dois de que eu já falei (Faces e MFW) hoje são patrocinados pela mcel e anteriormente foram patrocinados por outra empresa de telefonia. E é obvio que se os projectos têm algum valor, as marcas estão interessadas em usar esse valor para comunicarem com o público a que esse produto se destina.

@Verdade - Os músicos também afirmam que muitos artistas foram excluídos pelo facto de não fazerem parte da mcel.

VR - Não é verdade. Nós não fomos, por exemplo, perguntar ao júri se usa o prefixo “oito dois” ou “oito quatro”. Isso não diz respeito à DDB. Na verdade, isso não importa dado que o relevante é o evento puxar pela competitividade e elevar a música moçambicana para outros patamares. Tanto que há dois músicos que são apontados como se não tivessem entrado, mas é mentira. Por exemplo, o Hermínio inscreveu-se. O Zico não se inscreveu - talvez porque não quis ou porque a outra marca não o deixou - mas houve pessoas para quem ele produziu que se inscreveram e, desse modo, foi nomeado para a categoria de produção, porque o júri assim o decidiu.

@Verdade - Qual é o critério para que os músicos concorram?

VR - No caso concreto do MMA eu lembro-me de que na conferência de imprensa de lançamento ter referido que o concurso estava aberto a todos os músicos. Mas o importante era que as pessoas se inscrevessem. Como também informámos de que a avaliação tomaria em conta o período referente a 1 de Janeiro de 2008 a 31 de Dezembro do mesmo ano ... Até no Ngoma é feito assim, portanto, não vejo o porquê de as pessoas colocarem primeiro a guerra entre marcas.

@Verdade - Como é que o Zico, que não se quis inscrever, aparece nomeado?

VR - Quando se nomeia a música nomeia-se o conjunto de pessoas que intervém nela. Além do mais, o projecto quer trazer benefícios à plataforma da música, ou melhor à indústria musical. E a indústria musical não é só o cantor. A parte musical é entretenimento e, sen-

do entretenimento, envolve mais pessoas além do o cantor. Os que desenvolvem as letras, as músicas. A label e até a editora que está por trás. A ideia é tentar fazer com que todas essas áreas evoluam no sentido positivo.

@Verdade - Há quem acredite que os resultados possam ser manipulados em função do interesse do patrocinador.

VR - Exactamente para evitar esse tipo de questões, nós colocámos uma auditora que costuma fazer esse tipo de trabalho e é reconhecida mundialmente. Para tirarmos da DDB o peso de ter de medir alguma coisa ou tomar decisões desse género. Nós vamos fazer o show em si e deixar que a avaliação seja feita pelo júri que é independente. O resultado disso será, certamente, transparente. Nós não estamos nem sequer no negócio da música. Nós não somos editores, não somos cantores, interessa-nos valorizar a música mas para isso temos de ter pessoas que nos ajudem a fazer isso.

@Verdade - Quem escolheu as músicas?

VR - As músicas que entraram para o concurso foram avaliadas pelo júri durante vários dias em grelhas de valor e na presença de um homem da empresa de auditoria. Só com três dias de antecedência nós tivemos acesso aos nomeados para fazermos os spots.

@Verdade - Qual é o benefício que o MMA traz para a indústria musical do país?

VR - Acho que o projecto em si tem algumas vertentes: a ideia é que lança pilares para o desenvolvimento da indústria de música em Moçambique. Nessa vertente, fizemos um disco de nomeados e as vendas vão reverter para a Esco-



la de música no sentido de apoiar crianças que, eventualmente, queiram estudar e não podem por incapacidade financeira.

@Verdade - Há quem diga que os músicos da “velha guarda” não participam porque não há incentivos financeiros. Concorda?

VR - Não. Isso não é real porque em nenhum concurso do género há incentivos financeiros. O award é uma estatueta como um oscar, aquilo premeia um esforço que foi feito. Wazimbo, Mingas e Chico António, por exemplo, deram os parabéns à organização e até poderiam participar mas não o fizeram porque não têm músicas produzidas no período em avaliação. E creio que essas pessoas que falam não têm música produzida nesse período. Aliás, até porque no nosso país não se produzem muitos álbuns, optámos por músicas para não deixar mais gente de fora.

@Verdade - Quanto custa o MMA?

VR - Neste momento não temos estimativa. Acharmos que primeiro temos que investir e que o retorno há-de vir indexado naquilo que for o nosso trabalho nos próximos anos.

@Verdade - Como olha para o pronunciamento do Mc Roger em relação ao MMA?

VR - Respeitamos a opinião de toda a gente, mas acho que as pessoas têm de falar tendo o mínimo de conhecimento sobre aquilo do que estão a falar. Acho que o Mc Roger tem direito a ter opinião. Mas por aquilo que ele é como figura pública não pode afirmar coisas de uma forma descabida sem se inteirar dos processos. A partir do momento em que ele não se inscreve penso que não pode fazer um determinado conjunto de afirmações, mas isso é minha opinião.

Da mesma forma que ele tem a opinião dele e deve ser respeitada.

Até o Ngoma é baseado na inscrição e eu acho que tem alguma lógica, por exemplo, se eu não quiser ser avaliado não me inscrevo. Portanto, trata-se de uma questão de pensar assim: eu quero ser avaliado ou não?

@Verdade - Qual é a inovação que o MMA traz?

VR - Tentamos dividir as áreas. Isso puxa por alguma selectividade em termos de música. Quando nós fizemos o lançamento um músico disse-me: ‘porque vocês colocaram jazz se só tem um nomeado?’ Colocámos porque nós temos que ter respeito pela pessoa. Mas também para mostrar as pessoas que jazz é uma categoria que tem de ser puxada. É tempo de começar a puxar. No gospel havia um prémio e ninguém concorreu. Esse prémio não aparece atribuído, mas com certeza que você sabe, como eu, que há um monte de gente que canta gospel em Moçambique. Se eles não editam ou não divulgam música não podem concorrer. Portanto, está-se a tentar puxar por todas as áreas. No final é muito fácil apontar o dedo, mas se apontamos o dedo significa que alguém fez qualquer coisa. Neste momento estamos a fazer como achamos que deve ser

feito, não invalidando a hipótese de melhorar no futuro.

@Verdade - Não acha que devia haver mais divulgação em torno do MMA?

VR - Da mesma forma que diz que tínhamos de divulgar mais, nós dizemos que as pessoas têm de se informar mais. Fomos ter com a Associação dos músicos, chamámos as labels. Tivemos uma ou duas reuniões com a Associação dos Músicos Moçambicanos (AMM). Ouvimos de todos os intervenientes a opinião sobre qual seria a melhor maneira. Não trabalhámos de nenhuma forma isolados, apesar de o projecto ser nosso. A AMM mudou categorias, deu nome para os júris. A AMM esteve sempre connosco. Temos inclusive um programa de televisão que vai passar na RTP África, o que significa que começámos a extravasar fronteiras e é a música moçambicana que está a ser valorizada. Agora se começamos a criticar porque não temos informação... Penso que não vamos longe.

Mas, como é óbvio, qualquer critério no mundo é sempre subjectivo. Há-de haver alguém que não gosta daquele critério, mas é um critério e tem de ser respeitado. Não gostamos todos da mesma coisa.



@Tema de Fundo

a mensagem de que há um espaço comum em que todas as nossas diferenças não têm qualquer importância, o importante é aquilo que nos une. Agora se vai conseguir proteger esse espaço e projectá-lo ao longo dos próximos 4 anos e chegar ao fim do mandato ainda representando isso, este é o grande desafio. A diferença entre o “Madiba” e o Obama, é que o “Madiba” já tinha uma longa história, para ele foi o culminar de um certo processo. No Obama, não. É o início. Os desafios que ele tem de enfrentar são muito diferentes dos de Nelson Mandela. Nelson Mandela era o culminar, para Obama é o começar.

Que avaliação faz de alguns líderes africanos que se arrastam no poder durante décadas?

Não é saudável. Não são só os africanos, em qualquer parte do mundo isso é indesejável.

O SIDA em Moçambique está em expansão ou em regressão?

Ainda temos níveis de infecção que estão a crescer em particular nas zonas de centro e do sul do país.

Porque é que isto está ainda a acontecer?

Aceitar a mudança a comportamental, da maneira como se encara o outro, neste caso do sexo oposto, exige muito e nós não estamos a conseguir. É uma maneira

radical: além disso, estamos rodeados de países com índices extremamente elevados como a Suazilândia, a África do Sul, o Zimbabwe, a Zâmbia, o Malawi e a Tanzânia. As nossas fronteiras são porosas e isto está a tornar a nossa batalha muito difícil.

É essa situação que faz com que os órfãos de HIV/SIDA no próximo ano possam atingir perto de 2 milhões?

Exacto.

Como é que Moçambique lida com um número tão impressionante?

Nós temos uma população de cerca de nove milhões de crianças. Quando dos nove milhões, dois milhões são órfãos, e depois cerca de quatro milhões são crianças vulneráveis, pode imaginar os desafios que este país tem em termos de criar e educar gerações de crianças. É extremamente complicado. São as comunidades e as famílias moçambicanas que estão a suportar o maior peso de cuidar destas crianças.

Como é que se financia?

Uma parte dos recursos vem de vários doadores para não ficarmos dependentes de um só. Também temos património e estamos a fazer investimentos em bancos e em imobiliária, para irmos gerando recursos e assim realizarmos as nossas agendas.

O trabalho dos Elders não tem resultados visíveis que

possam ser celebrados. Abordamos questões difíceis, cuja evolução pode levar muito tempo. Somos uma voz, um grupo de pessoas que actua behind the scene. Abordamos assuntos intratáveis.

Estão a actuar no Zimbabwe?

No Zimbabwe, no Sudão, em Chipre, em Myanmar,

até no Médio Oriente. Sem barulho, sem jornais, sem televisão. Tentamos pôr em contacto pessoas que já têm as suas posições bloqueadas. Às vezes dizem “eu já não posso falar”, mas nós dizemos “podes falar e tens de falar com o outro lado”. Por mais difícil que seja, o processo não deve quebrar.



FDC: a mão amiga da rapariga!

O Programa de Educação da Rapariga da FDC está a beneficiar desde há oito anos mais de 10 mil raparigas, através do incentivo da escolarização e da formação profissional. Desde que foi criado há oito anos, o programa concedeu quase uma centena e meia de bolsas de estudo em Moçambique e no estrangeiro.

Até ao seu 10º aniversário da sua criação, o Programa de Educação da Rapariga é uma das muitas actividades que a instituição vem desenvolvendo em seis províncias do nosso País. Segundo o seu portal da Internet, este programa passa pela construção de infra-estruturas e pelo fornecimento de equipamento escolar, sendo de realçar a capacitação de professores em matéria do género e de desenvolvimento.

A FDC concebeu este programa com o objectivo de contribuir e garantir o alargamento da rede escolar, o melhoramento do acesso à escola com enfoque para a rapariga, incluindo a disponibilização de bolsas de estudo, a capacitação de professores, a redução de taxas de desistência e uma maior participação da comunidade na vida da escola.

Para a FDC, a Educação é a base do desenvolvimento de qualquer país. Através dela, concretiza-se o acesso ao conhecimento, ao emprego e ao mundo. Em Moçambique, a rapariga em particular e a mulher em geral são as pessoas menos privilegiadas em matéria de escolaridade. Constata-se que as famílias com menos posses, quando não têm capacidade financeira para mandar todos os filhos à escola, optam sempre pelos filhos varões que são o garante do futuro da família.

A FDC estabeleceu em 1996/97 o Programa de Educação da Rapariga, cujo objectivo geral é o de apoiar a rapariga através do incentivo da escolarização e da formação profissional da mesma.

Estratégia de actuação

A FDC não é uma instituição de carácter operativo. Ela facilita o acesso a fundos e assistência

técnica às comunidades e a outras organizações que, sem fins lucrativos, visem também contribuir para a melhoria das condições de vida das camadas das populações moçambicanas mais desfavorecidas

Aprender a ser árvore

Do Norte a Sul de Moçambique há uma árvore pequena, tão singela que parece dispensável. Retirásemos, contudo, esta planta da paisagem e o nosso mundo ficava mais pequeno e menos nosso. Porque ela faz parte do cenário da nossa alma, deitou raízes nos mais longínquos antepassados. Tornou-se História, ramificação do próprio tempo moçambicano.

Essa árvore é o Himbe. O seu nome mais sério, mais de salão, é *Garcinia livingstonei*. Em diferentes regiões de Moçambique, ela vai ganhando outros nomes: Bimbi, Himbi, Muhimbi, Meto, Veto, Ntabaza, Petapelo, Mutotola. Mas ela sempre o mesmo singelo e modesto ser, marcando imprescindível presença junto das machambas. Como se fosse moldura do nosso espaço humanizado. Chamemos-lhe, apenas por facilidade, de Himbe

São beneficiários dos programas da FDC:

Comunidade de base pobre e vulnerável, mas enfatiza projectos que criem impactos directos sobre as mulheres, crianças e jovens merecendo atenção particular devido ao seu papel, situação e nível de vulnerabilidade. Grupos atingidos pelo fenómeno de exclusão social como os idosos, os portadores de deficiência, os desempregados.

Parceiros

São aqueles com quem a organização, porque partilha a visão, os interesses e as aspirações comuns, pode realizar conjuntamente ou através deles, programas, projectos ou outras iniciativas de desenvolvimento em benefício das comunidades mais carentes.



@Saúde e Bem-Estar

“Então, cerca de 1961, comecei a ouvir outras coisas. Os mais velhos, nas suas cooperativas, também começavam a agitar-se. Em 1962 mesmo as crianças compreendiam a VERDADE.” extractos do livro de Eduardo Mondlane “Lutar por Moçambique”.

Manter a chama acesa

Hoje em dia as famílias vivem tão absorvidas pela vida profissional e pela educação dos filhos que, por vezes, o casamento, inconscientemente, vai ficando para trás. As pessoas esquecem-se de que o casamento também precisa de ser cultivado. Fazer elogios, quebrar a rotina, fazer planos juntos ou escrever uma pequena carta de amor são algumas formas de manter a chama acesa e evitar que a relação se esgote.



Texto: Adaptado Seleções RD
Foto: Istockphoto
Comente por SMS 8415152 / 821115

O simples facto de se tomar uma resolução para o Ano Novo, seja ela cumprida ou não, pode ajudá-lo a perceber o que é realmente importante na vida. Assim, é estranho que as aspirações em relação ao nosso casamento raramente figurem nessa lista, a não ser que o relacionamento já esteja em dificuldade.

Este ano, enquanto estiver a suar para perder aqueles quilos a mais ou a programar a sua vida para ler alguns livros essenciais, arranje tempo também para alcançar objectivos conjugais. Cumprir essas resoluções

pode ser esclarecedor, gratificante e simplesmente divertido. Qualquer uma delas pode melhorar o seu casamento em 2009 e depois.

1. Seja fã do seu cônjuge.

«A minha mulher tem muita sensibilidade para as cores. O seu sentido artístico é muito bom», disse Mário, o marido, num jantar a que compareci há pouco tempo. As mulheres naquela mesa olharam com inveja para a mulher dele, que estava radiante com o elogio inesperado.

Elogios especialmente quando feitos diante de outras pessoas são muito importantes, infeliz-

mente, a maioria de nós tende mais a criticar o cônjuge em público.

2. Inovar no sexo.

É muito fácil cair na rotina, fazer as coisas sempre da mesma maneira. Se tanto você como o seu cônjuge estiverem dispostos a variar, ampliem os seus conhecimentos sexuais através de livros e falem francamente com o parceiro sobre o que leram. Se não se sentir à vontade para fazer isso, tente algo mais sensual, faça-lhe uma massagem ou vista algo diferente na cama.

3. Passem tempo qualitativo longe um do outro.

Esse é um dos paradoxos do relacionamento: o tempo de separação pode aproximá-los ainda mais.

4. Passem tempo quantitativo juntos.

Estudos indicam que qualquer tarefa que aumente o tempo que vocês passem juntos, seja uma noite de festa ou apenas um passeio com o cão, também aumenta o nível de satisfação num casamento. O ideal era saírem juntos uma vez por semana. Se não puderem assegurem-se de que passem dez minutos todas as noites apenas a con-

versar. De mãos dadas, olhos nos olhos. Nada de TV ou outras distrações, não importa o assunto. Basta um ouvir o outro.

5. Rompam com a rotina.

Se conseguirem livrar-se da vossa rotina de programas e explorar uma nova actividade, o vosso casamento lucrará com isso. Pensem nisso como uma injeção de adrenalina conjugal. De vez em quando é preciso levar energia nova para o relacionamento, isso funciona como estimulante.

6. Sejam gentis.

Pequenas gentilezas que são obrigatórias durante o namoro parecem desaparecer quando os filhos e a carreira começam a exigir mais a sua atenção. Mas pequenas cortesias encaixam-se em qualquer agenda.

Deixe o seu cônjuge dormir até tarde numa manhã de sábado, enquanto leva as crianças para passear. Assuma uma tarefa que normalmente caiba ao seu cônjuge. E lembre-se de se mostrar agradecido quando o seu companheiro lhe fizer uma amabilidade. As pessoas esquecem-se de dizer obrigado, agradecer a alguém, mesmo

por algo que você esteja à espera, mostra o seu apreço. E levará o seu cônjuge a querer fazer mais por você.

7. Façam um plano de cinco anos.

Reservem um fim-de-semana para criar o próprio plano para cinco anos. Perguntem a si próprios: Querem comprar uma casa nova? Mudar de trabalho? Voltar a estudar? Dedicar mais tempo a desportos ou passatempos? Pensem naquilo com que estão satisfeitos e no que gostariam de mudar. Assim terão um guia a ser usado quando tiverem de tomar pequenas decisões durante o ano. Também poderão aprender algo que não conheciam um sobre o outro.

8. Faça aquela tarefa em que o seu cônjuge tem vindo a insistir.

9. Ponham no papel.

Todos temos momentos em que o amor pelo nosso cônjuge toma conta de nós. Porque não tirar uns minutos para escrever a respeito disso? Uma carta é como uma prova visual do nosso amor. E também é algo que pode ler repetidamente em todos os anos futuros de um casamento feliz. @



De: 84 723 305

Versos não sei fazer,
conselhos não sei dar,
só sei que fiz bem em mudar.
Este é o meu novo número.
Agora fica Tudo bom
sempre que te ligar ☺

E TU?
O QUE VAIS DIZER AOS TEUS AMIGOS
QUANDO MUDARES DE NÚMERO?

Pub.

“É VERDADE que alguns portugueses aproveitam imensamente da guerra, e as famílias dos soldados em comissão de serviço nas colónias recebem um pequeno subsídio financeiro. Mas o preço, em sangue, está a aumentar constantemente.” extractos do livro de Eduardo Mondlane “Lutar por MoÁmbique”.

Verde de Verdade

Respostas simples para 11 perguntas comuns acerca de quais as melhores atitudes ecologistas. Não vai ter desculpa para não poupar energia ou fazer a reciclagem correctamente.



Texto: Adaptado Selecções RD
Foto: Istockphoto
Comente por SMS 8415152 / 821115

Devo apagar as luzes cada vez que saio de uma divisão?

Deixe a sua lâmpada responder-lhe a isso. Poupa-se energia com as luzes apagadas, mesmo durante alguns segundos. Mas brincar com o interruptor diminui a vida das lâmpadas.

As lâmpadas incandescentes são baratas, portanto desligue-as sempre que puder. As lâmpadas fluorescentes compactas (CFL) não são baratas, mas podemos poupar em despesas de electricidade durante o seu tempo de vida em comparação com uma lâmpada incandescente.

E não se preocupe: ligar uma lâmpada não queima muita energia. A quantidade de electricidade necessária para acender uma lâmpada é igual a alguns segundos de energia gasta quando a lâmpada está acesa.

O CONSELHO: Apague as lâmpadas incandescentes se sair de uma divisão por mais de cinco segundos; apague as CFLs só se estiver fora durante mais de 15 minutos.

Tenho mesmo de desligar da tomada a minha televisão, carregadores de telefones, aparelhagem de CD ...?

Mesmo quando não estão ligados, a electricidade passa pelas fichas dos seus aparelhos electrónicos de modo que fiquem activos mais rapidamente. Esta «electricidade vampirizada» absorve por ano até 4000 milhões de dólares de energia com aparelhos que não estão ligados.

Só o seu portátil, desligado mas conectado à corrente, gastar-lhe-á 9 dólares por ano. Os carregadores de telemóveis ligados à corrente, mas não em uso, custam 14

cêntimos de dólar por ano. Com cerca de 260 milhões de carregadores espalhados por aí, é fazer a conta.

O conselho das Selecções: Desligue da tomada. Ainda mais fácil, ligue tudo a extensões com interruptores para ligar e desligar.

Sei que as lavagens com água fria são mais ecológicas, mas será que a minha roupa fica lavada?

Para um carregamento com água quente, cerca de 90% da energia utilizada para lavar a roupa vai para o aquecimento da água, não para agitar a roupa. A boa notícia é que lavar em água morna ou mesmo fria lava quase tudo, com excepção da pior sujidade ou nódoas de gordura.

O CONSELHO: Passe da água quente para água morna e ver que corta a despesa energética em metade; com água fria o corte será ainda maior.

Frascos de compotas: uma pequena lavagem ou uma lavagem total antes de deitar no vidro?

Uma quantidade pequena de comida não paralisará o trabalho de reciclagem, por isso não desperdice muita água a lavar os frascos. Deverá fazê-lo apenas para evitar atrair insectos. E aqueles resíduos na garrafa de cerveja vazia? Deixe ficar.

O CONSELHO: Passe só por água o que puder e depois recicle.

Tampas de garrafas de refrigerantes: tiram-se ou não antes de deitar fora?

Depende de onde vive. Algumas localidades insistem que não querem as tampas; outras são menos austeras. O conselho: Retire-as porque: 1) as tampas nem sempre são feitas do mesmo tipo

de plástico da garrafa; 2) podem danificar o equipamento de processamento.

Sacos de Papel ou plástico?

Um dos ingredientes-chave dos sacos de plástico é combustível fóssil, e o seu fabrico – desde a perfuração do petróleo e a sua refinação até ao fabrico dos sacos – é um processo muito sujo. Transformar madeira em sacos de papel também não é exactamente um processo limpo.

As fábricas de papel contribuem para a chuva ácida, o aquecimento global e as doenças respiratórias. Além de exigirem um grande gasto de energia e de água. Até os sacos feitos de papel reciclado são seis vezes mais pesados do que os seus primos de plástico, pelo que o seu transporte em camiões significa mais consumo de combustível e mais emissão de gases. Mas, grita você, os sacos de papel decompõem-se nas lixeiras e o plástico não. Errado! Praticamente nada se decompõe num aterro, onde o lixo é mantido longe do ar e de água para evitar que os produtos tóxicos entrem nos lençóis de água subterrâneos. E aquilo que é realmente biodegradável pode levar dezenas ou centenas de anos e, no processo, libertar gás metano, que está associado ao aquecimento global.

O CONSELHO: Papel ou plástico são as melhores escolhas. Leve os seus próprios sacos de pano reutilizáveis.

Nas casas de banho públicas, o que é preferível: toalhas de papel ou secador de mãos eléctrico?

É necessária muito menos energia para aquecer e soprar ar para as suas mãos do que para fabricar toalhas

de papel, transportá-las e deitá-las fora. Um estudo descobriu que para fornecer um restaurante de comida rápida com toalhas de papel durante um ano é preciso abater nove árvores; as correspondentes toalhas descartadas representam depois 500 kg de desperdício para os aterros.

O CONSELHO: Se tiver escolha, opte pelo ar quente.

Será que devo desligar o computador ao final do dia?

Segundo o livro Go Green, Live Rich (Torne-se Ecológico, Viva Bem), de David Bach, somente 34% dos utilizadores desligam os seus computadores. Só os Americanos poupariam 4,3 mil milhões de dólares de custos energéticos e evitariam 32 milhões de toneladas de emissões de CO2 por ano se desligassem os computadores e as luzes dos escritórios. Não se preocupe com o gasto de energia ao ligar o computador. O computador exige energia suplementar apenas durante os primeiros dois minutos, e mesmo essa representa pouco mais do que quaisquer dois minutos de utilização normal. O único problema real aqui é que ligar de novo o computador é uma maçada.

O CONSELHO: Se não vai utilizar o monitor durante os próximos 20 minutos, desligue-o. Se não vai utilizar o computador durante mais de duas horas, desligue-o.

Deixo o carro a trabalhar ou desligo o motor?

Como diz a Comissão de Energia da Califórnia (CEC): «Ficar parado com o motor a trabalhar dá-lhe zero quilómetros por litro»; por isso, para quê desperdi-

çar combustível? Pensava-se antes que ligar o carro gastava mais energia do que mantê-lo ligado durante certo tempo.

Isso é verdade se o seu carro for velho e gastador, mas o mesmo não acontece com os modernos motores de injeção de combustível, em que 10 segundos com o motor ligado podem gastar mais combustível do que ligar a ignição outra vez.

O conselho: Deixe o motor ligado até 30 segundos. Se continuar parado, desligue-o.

Mas ainda devo aquecer o motor quando o tempo está muito frio antes de arrancar, não é?

Os automóveis aquecem mais rapidamente em andamento.

O CONSELHO: Ligue a ignição e arranque.

No carro, Ar condicionado ou janela aberta: o que gasta mais combustível?

Uma corrente de pensamento insiste que o ar condicionado consome bateria e combustível. Outra alega que as janelas abertas causam resistência aerodinâmica, forçando o carro a gastar mais combustível.

Sim, quando rodamos numa auto-estrada, o ar condicionado realmente rouba potência ao motor do automóvel, mas a Consumer Reports descobriu que o aumento de consumo se traduz em menos de 3km em cada 100. Num dia de calor abrasador, vale bem a despesa.

O CONSELHO: Na auto-estrada, faça o que o faz sentir-se mais confortável. Mas na cidade tente conduzir com a janela aberta. Ficar despenado, mas poupar combustível. @

Pub.

Termos e condições são aplicáveis.

envia
sms para
84 18181
e ganha fabulosos
prémios

Participa já no "Concurso Tudo bom" e ganha fabulosos prémios!

A melhor mensagem do dia recebe **200MT em crédito.**

A melhor mensagem da semana recebe **500MT em crédito, 1 kit, 1 pacote inicial e 1 iMate SP5.**

E a mensagem com mais estilo, humor e criatividade de toda o concurso, recebe **25.000MT!!!**

Envia a tua sms para **84 18181** de 18 de Maio a 20 de Junho de 2009.

Tudo bom assim, só na Vodacom.

vodacom
A melhor rede celular em Moçambique



Acha que a selecção nacional deve manter o actual treinador?

Responda por sms **8415152** ou **821115**

ou pelo e-mail: **averdademz@gmail.com**

Faizal quer a cabeça de Mart



Texto: Rui Lamarques
Foto: Sérgio Costa
Comente por SMS 8415152 / 821115

O jogo caminha para o fim e o golo não aparece. O treinador olha o relvado impotente. Os adeptos, impacientes, roem as unhas. Estamos no Estádio Karasani Sport Complex em Nairobi, convém frisar. No relvado, um jogador pega na bola. Toca-a como se ela estivesse domesticada pelas suas botas. Sussurra-lhe os caminhos. Na direcção da baliza ou na preparação do cruzamento, pisa a relva como se ela fosse de veludo. O Estádio fica suspenso. O adepto esperançado. O cruzamento parte. No ar, a bola é como um pincel desenhando uma tela em branco. Descobre a baliza e Dominguez encosta-lhe o pé, a bola, decidida, dócil e irresistível como uma mulher fatal de meias de seda na Flórida, uma discoteca no centro de Nairobi, num ambiente de lusco-fusco, anicha-se nas redes. Golo! A seguir toca marrabenta. No “banco”, o treinador perde o semblante esfíngico, abre um sorriso e, para 20 milhões de moçambicanos, já parece um iluminado.

Segunda parte. O empate permanece no marcador. A equipa defende, o treinador assobia, os adeptos acreditam. É só mais um pontapé para a bancada e está feito. O adversário insiste e mete a bola na área. Sem requintes nem estratégias de sedução.

Como num “saloon” de um western. Luta-se mais do que se joga e quando ela fica meio perdida, há quem a descobre. Penalti. Bang! Golo. O empate esfuma-se. Os jogadores põem as mãos na cabeça, pregam os olhos no chão. No “banco”, o treinador sente cair-lhe o mundo em cima e todos o olham como um incompetente.

Tudo isto pode parecer demasiado simples, mas, poucas actividades serão tão implacáveis como o futebol e suas sentenças. Diz-se que uma imagem vale por mil palavras. No futebol, deveria uma carreira. Marcelino que o diga.

Mart não é o tipo de treinador que transmite confiança. Olhamos para ele durante o jogo e sentimos apreensão. O olhar meio vazio, resignado, os gestos a mandar a equipa recuar como se o empate fosse o melhor resultado do mundo. Com Josimar e Hélder Pelembe no banco de suplentes, com bolas bombeadas para a área sem nenhum critério, Mart parecia um seleccionador “livre” de ideias.

Antoine Hey anda no futebol há duas ou três vidas. A sua imagem também não desperta paixões. Pouco lhe importa. Sabe que no futebol, e na vida, o êxito e o fracasso, como disse Kipling, são dois grandes

impostores. Os únicos que nunca enganam são mesmo os mágicos. Como Mariaga quando tirou um coelho da cartola, no ocaso dos Mambas, mudou o curso do jogo.

No início desta campanha Mart disse que Moçambique podia sonhar com o Mundial. O empate com a Costa do Marfim e a Nigéria fizeram o treinador parecer melhor, como se fosse um feiticeiro das táticas. Mais do que o jogo de imagens, carisma é ganhar.



Imagino Mart a percorrer o túnel do Karasani Complex após levar com o golo da vitória. Na metralhadora de emoções que assaltam a sua mente a caminho da conferência de imprensa, tem de existir, no entanto, espaço para a racionalidade. Pensando com frieza, por segundos que seja, ele sabe que o presidente da federação vai “matá-lo” na próxi-

ma falha. Nesse momento, porém, ele ainda tem uma grande vantagem. No jogo de xadrez em que se transformou a sua existência, é ele que vai fazer o primeiro movimento. Só lhe resta, então, uma saída. Disparar primeiro. Não o fez. O resto são as primeiras páginas dos dias seguintes. Era por isso que Cruyff dizia que “a um presidente, tens de o tratar, desde o primeiro dia, como o teu inimigo que ele será no futuro!”. Mart só quis perceber isso tarde demais.

O herói discreto

A forma como ganha bolas a meio-campo diz muito da sua importância. Na equipa e no jogo. Simão faz parte de uma categoria de jogadores que, silenciosamente, colocam a máquina do onze em movimento. Eles são como a “caixa negra” da equipa onde fica gravada a estratégia treinada durante a semana e os segredos da vitória ou da derrota no jogo.

É Dominguez que desequilibra, mas é em Simão, no meio-campo, que os Mambas encontram a referência de ordem que os mantém presos ao jogo durante noventa minutos. Seja em que sistema tático for, muito se fala do pressing como solução para as equipas dominarem os jogos. Mas, entrando ambas com a mesma intenção, acabam por ficar as duas presas nesse choque. E a bola não chega aos artistas. Necessitam, então, de jogadores que a retirem dessa pressão. E esse jogador, para os Mambas, chama-se Simão Mate Júnior.

Na área de rigor



Texto: Renato Caldeira
Foto: Arquivo
Comente por SMS 8415152 / 821115

MAMBAS, MELHOR FACE A TUBARÕES

Os Mambas galvanizam-se quando estão diante das grandes selecções de frica, demonstrando que são mais propensos a engolir tubarões do que peixe miúdo. Desta vez obrigaram-nos a engolir um sapo que não estava na maioria das previsões.

Não tanto pelos resultados mas pelas actuações, ficaram-nos na retina os jogos diante do Senegal, em Dakar em que averbámos um “nulo”, da Costa do Marfim (1-0), na Machava com a Nigéria (0-0) e no ambiente escaldante da Tunísia em que perdemos por 2-0, realizando uma exibição que fez tremer os faraós.

Desta feita, o adversário era o “acessível” Quênia. Que antes do jogo com Moçambique não havia marcado qualquer golo e sofrido 5. E nós falhámos na maior oportunidade de praticamente garantir o CAN, uma vez que o Mundial histria para outros rios.

Uma “outra” Mamba

Duas razões se encontram na primeira linha do insucesso: a tendência que referimos nas linhas antecedentes e o facto de dispormos de um onze apertadinho em termos competitivos para enfrentarmos campanhas de vários jogos.

Na partida com a Nigéria, houve um vale de lamentações face à lesão de Tico-Tico. Desta vez, no Quênia, a acumulação de amarelos que impediram a actuação de Kampango e Miro, acrescidos à impossibilidade de Mano, fizeram descer ao relvado uma outra Selecção: nervosa, incerta, insegura, despersonalizada. A tática para o jogo seria aquela? Parece visível que não. Faltou, no meio-campo, a muleta chamada Miro, para as progressões de Paulo pela esquerda; faltou a segurança de Mano. Consequentemente, fomos vitimados pela deslocação de Dário Khan para o centro. Tudo isto transfigurou os Mambas, que já haviam demonstrado ser capazes de pensar depressa e executar rapidamente a troca de bola no meio e campo e a consequente transposição para o ataque. A jogar sem “bombeamentos”, outro galo cantaria!

Com a insegurança desde o primeiro momento do guarda-redes Marcelino, Tico-Tico ao desempenhar o seu papel de líder, tentou passar a compensar a zona do meio-campo, deixando Dário Monteiro impotente no meio dos centrais latagies. Da que a insistência nos cruzamentos, quer de Miro quer de Campira, poucas probabilidades de sucesso poderiam ter.

A derrota ficou a dever-se a erros nossos, alguns dos quais já habituais: infantilidades, falta de concentração, dificuldade em interpretar a filosofia de jogo que nos favoreceria, insuficiência de alternativas para o onze habitual e souplés sempre que o adversário aparenta estar ao nosso alcance.

Assim sendo, demos oportunidade a um “peixe miúdo” se transformar em tubarão.

Resta agora o escaldante jogo de 6 de Setembro na Machava e a, ser mesmo pegar ou largar. @



Para si qual foi a razão do insucesso da nossa selecção nacional no jogo frente ao Quénia?

Responda por sms **8415152** ou **821115**

ou pelo e-mail: **averdademz@gmail.com**

Errar é... o Mano!

Meu caríssimo Mart Nooij:

Contrariamente a muitas outras vozes, eu estou do seu lado, pois apesar da minha tenra idade, ensinaram-me que errar é...o Mano! E sem o Mano na sua equipa, como foi possível errar? O Mano não errou. Estava impedido, por razões familiares. Mas quando você, depois de dizer que não apanhava sono porque queria o Lamá naturalizado moçambicano e depois o coloca fora da lista, começo a acreditar mesmo que, errar é... o Mano



E se você mais a sua equipe técnica, após visualizarem (ou visionarem?) os jogos anteriores dos quenianos e constatarem que eles são “grandalhões” e bombeiam muito para a área, ainda teimou em colocar o Marcelino a titular, que mais posso dizer? Errar? É o Mano.

Na mesma linha se enquadra o grande número de bolas que Paíto, usando e abusando da nossa inteligência ofereceu às cabeças dos centrais contrários, perante o olhar complacente de todos vós. Afinal, errar não é... o Mano?

E que dizer da inovação de treinar ao longo da semana os “internos”, para jogar sempre com os externos? É o mesmo que baralhar as cartas e dar o mesmo jogo. Mesmo que isso desmotive os mais entusiastas, amigo Mart, não se preocupe: errar é o Mano.

Tico-Tico e Gonçalves
Fumo saíram melindrados
das jornadas passadas.

Há que ressarcir-los. Aí, mesmo sabendo que jogam pouco nos seus clubes e rendem ainda menos, há que “manter a estrutura” da equipa. Mas se isso foi um erro... errar é o Mano!

Lá diz o ditado: “De pequenino é que se torce o pepino”. Por isso já decidi. Como me batem muito lá em casa, tenho o sonho de ir viver com os Mambas. Porquê? Porque os Mambas, não batem em ninguém.

Se falhar e eles me baterem... aí vem o mesmo ditado. Errar é o Mano!

Assinado: *Maninho*

14%
de **Rendimento** no melhor **Depósito a Prazo** do mercado

OFERTA!
Até 40% de desconto
na compra de 2 unidades

Comece já a ganhar
com o novo **Depósito a Prazo** de **14%**
de Taxa Anual Efectiva.

- É a melhor taxa do mercado
- É uma aplicação segura
- Sem qualquer risco
- Sem comissões nem custos de manutenção
- A partir de 5.000 MT, é possível obter 14%** TAE a 360 dias

Para mais informações dirija-se a uma
Agência Socremo ou ligue para a linha do Cliente 82 933
www.socremo.com



*A oferta do CD do WAZIMBO é limitada ao stock existente e válido só para Depósitos a Prazo a 360 dias, realizados de 1 de Junho a 31 de Julho 2009.

vodafone

uma parceria com **tudobom**



ASSINE UM CONTRATO BULA-BULA E RECEBA UM CELULAR OU MOLA NA SUA CONTA.

e ainda
10% de
desconto na
taxa mensal

Escolha um destes contratos em qualquer balcão Millennium bim e pode optar entre receber um fantástico celular ou mola na sua conta e ainda ganhar todas as vantagens desta parceria.

Móvel E11	Móvel E12	Móvel E13	Móvel E14
gratuito bula-bula™	gratuito bula-bula™	gratuito bula-bula™	gratuito bula-bula™

Ou então, assine um bula-bula™ sem subscrição mensal durante os primeiros 12 meses.
É muito fácil! Basta ser cliente Millennium bim e aderir ao serviço Millennium bim sms.

fone bank

Millennium
bim

A VODAFONE PARCEIRA COM O TUDO BOM

© 2008 Vodafone Portugal. Todos os direitos reservados.

AUDIT ■ TAX ■ ADVISORY

CURSO SOBRE IMPOSTOS CONHEÇA OS IMPOSTOS E EVITE MULTAS

A unidade fiscal da KPMG tem grande experiência prática com enfoque em projectos de investimento e operações em Moçambique. Os nossos profissionais estão comprometidos com a confidencialidade, integridade e competência actualizando continuamente os clientes sobre novos desenvolvimentos na área.

As nossas equipas trabalham proactivamente, com qualificações para prestar aconselhamento profissional, a nível nacional e internacional sobre todo o tipo de assunto relacionado com a área fiscal.

De modo a partilhar o seu know how, a KPMG vai realizar, nos dias 02 e 03 de Julho de 2009 em Maputo, cursos práticos sobre os impostos em vigor (IRPC, IRPS, IVA, Imposto Autárquico e outros).

O Curso é destinado a gestores, técnicos de recursos humanos, contabilistas, particulares e ao público em geral e tem um custo de participação de 7.750,00MT, que inclui o material didáctico necessário para participar no curso.

O Curso terá lugar nas instalações da KPMG das 8h00 às 17h30 e serão atribuídos certificados de participação a quem tiver cumprido com pelo menos 90% do programa.

Para informações adicionais contacte:

Sandra Nhachale

KPMG Auditores e Consultores SA
Edifício Hollard - Rua 1.233, nº 72C
Maputo - Moçambique

© 2009 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.

AUDIT ■ TAX ■ ADVISORY

CURSO INTENSIVO EM FINANÇAS PÚBLICAS

A KPMG Moçambique vai realizar, em Nampula, um Curso Intensivo em Finanças Públicas, de 29 de Junho e 1 de Julho de 2009, entre as 8 e as 16 horas. O curso será composto pelos seguintes módulos:

- **Planificação financeira e orçamental;**
- **Execução orçamental (abordagem ao decreto nº54/2005, de 13 de Dezembro);**
- **Prestação de contas.**

Este curso tem como objectivo o aumento da capacidade dos gestores relativamente aos processos e procedimentos de gestão administrativa e financeira do sector público, através da consolidação e aumento de conhecimento dos quadros técnicos que lidam directamente com estes processos e procedimentos.

As inscrições, limitadas ao número de vagas existentes, poderão ser feitas através do preenchimento do formulário de inscrição (obtido nos endereços abaixo).

O formulário, devidamente preenchido, deverá ser entregue ou enviado por fax ou e-mail para os seguintes endereços:

Na cidade de Maputo: Edifício Hollard, Rua 1.233, nº. 72C - Maputo
Telefone: +258 272 20853/Fax: +258 272 20853

Na cidade de Nampula: Prédio da TDM (Hotel Girassol), Av. Eduardo Mondlane, 326 - 2º Andar
Telefone: + 258 26 216188/Fax: + 258 26 216186

Na cidade de Pemba: Bairro do Cimento Rua 1º de Maio, nº 1355
Telefone: +258 272 20853/Fax: +258 272 20853

Para mais informações: Rui Borges
Tel: +258 21 355 200 / Fax: +258 21 313 358
Telm: +258 82 882 73 57 / Email: ruiborges@kpmg.com

© 2009 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.



12
meses
garantia
NOKIA

NOKIA

QUANDO O MOMENTO PEDE MÚSICA
TOCA ALTO E BOM SOM

Compre um Nokia 5130
num Revendedor Autorizado da Nokia
e ganhe um destes prémios.



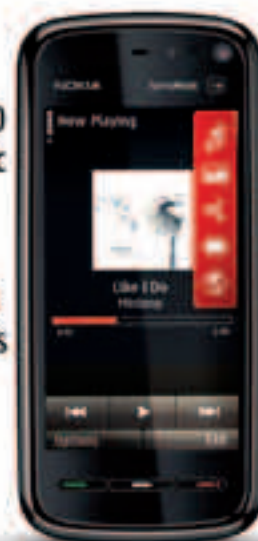
Nokia 5130
XpressMusic

Idioma
em Português



Nokia 5800
XpressMusic

Idioma
em Português



Promoção limitada ao stock existente

Previstos, mas imprevisíveis

Os cientistas já entendem o mecanismo dos megadesastres. Mas ainda não sabem quando vão ocorrer ou como evitá-los.



Texto: AFP
Foto: Google.com
Comente por SMS 8415152 / 821115

Sessenta e cinco milhões de anos atrás, um asteroide com 10 quilómetros de diâmetro caiu na superfície da Terra. O impacto subverteu o clima global e causou a extinção dos dinossauros, que tinham dominado o planeta por 150 milhões de anos. De todas as espécies que já existiram na Terra, 99,9% estão agora extintas. Muitas delas pereceram em cinco eventos cataclísmicos, dos quais o que matou os dinossauros é o mais conhecido. A própria espécie humana esteve à beira do aniquilamento há 100 000 anos, quando uma seca prolongada na África reduziu a humanidade a não mais que 2 000 pessoas. A pergunta inevitável é a seguinte: isso pode ocorrer novamente? A única certeza é que eles fatalmente ocorrerão de novo. A questão é: quando? Por mais que a ciência tenha avançado no conhecimento das forças envolvidas em terremotos, mudanças climáticas e movimentação dos corpos espaciais, a previsão precisa de megacatástrofes ainda está além da nossa capacidade.

O estado da Califórnia, nos Estados Unidos, cortado por uma falha geológica de 1 290 quilómetros que marca o encontro entre duas placas tectónicas, regista cerca de 15 000 pequenos abalos sísmi-

cos por ano. Os californianos vivem à espera do “Big One”, o grande terremoto que vai devastar a região. Os riscos de ele ocorrer nos próximos trinta anos são de 99%, segundo estimativas do Serviço Geológico dos Estados Unidos. No início deste mês, o governo americano destinou 5 milhões de dólares para pesquisas científicas que ajudem a prever terremotos. Outros 7 milhões serão investidos em 2010. Trata-se de um campo de estudo relativamente recente. Os terremotos só foram devidamente compreendidos há cinco décadas, quando surgiu a teoria das placas tectónicas. A ideia de que a crosta terrestre está dividida em grandes blocos que boiam sobre o magma é para os geólogos o que a teoria da evolução representa para a biologia. Os abalos mais devastadores surgem a partir do choque entre as bordas das placas e por isso têm endereço certo. Até hoje, 81% deles foram registados no Círculo de Fogo, uma faixa em forma de arco que circunda o Oceano Pacífico.

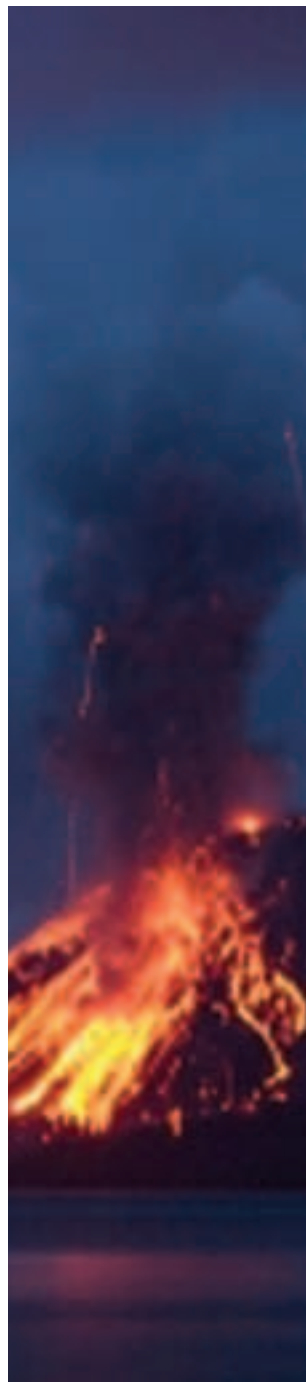
O problema é que ainda é impossível prever quando é que eles vão ocorrer. Oito em cada dez alertas de tsunami, a onda gigante provocada por terremotos no leito dos oceanos, são alarmes falsos. Enquanto não é possível prevêê-los, o melhor a fazer é preparar-se para o pior, reforçando casas e edi-

fícios para resistir aos tremores. O governo do Japão prepara-se há três décadas para o terremoto na região de Tokai, que os sismólogos acreditam que possa alcançar 8,4 pontos na escala de Richter e ser um dos mais devastadores já registados na história humana. Os vulcanólogos enfrentam problema semelhante:

sabe-se que a natureza emite alguns sinais que indicam uma erupção prestes a ocorrer, mas é impossível prever quando. A movimentação do magma provoca centenas de pequenos abalos sísmicos, o vulcão libera toneladas de gás carbónico e de dióxido de enxofre e a pressão dos gases sobre as rochas acaba por deformar o terreno. Há aparelhos para monitorar cada uma dessas variáveis. O Monte Redoubt, no Alasca, começou a emitir alguns desses sinais em Janeiro. “Sabíamos que a erupção era muito provável, mas não havia como afirmar quando ela ocorreria”, disse a geóloga americana Tina Neal, do Observatório de Vulcões do Alasca. A expectativa durou dois meses. Em Março, o vulcão explodiu por três vezes, atirando no ar cinzas que formaram nuvens de 20 quilómetros de altura.

Embora assustem pelo seu poder destrutivo, as catástrofes naturais não estão entre as principais causas de morte (veja o quadro ao lado). Em 2008, um ano

especialmente devastador devido sobretudo a um terremoto na China e a um ciclone em Mianmar, morreram 235 000 pessoas. Só uma epidemia, a malária, mata quatro vezes mais pessoas no mundo. A evolução do estudo dos desastres naturais ajudou na elaboração de respostas rápidas a eles, diminuindo o número de fatalidades. Em 2007, os furacões deixaram um rastro de 6 000 mortes. Dez anos atrás, a temporada de furacões matou 25 000 pessoas. A possibilidade de uma catástrofe ainda maior, como a destruição da vida humana na Terra pela colisão de um asteroide, é pequena, mas não desprezível. Estima-se que existam 1 000 asteroides com mais de um quilómetro de diâmetro nas proximidades da Terra – cada um deles com potencial para aniquilar a vida no planeta. Até 2012, três novos telescópios serão construídos para catalogar as suas rotas. Mas, mesmo que a queda de um deles seja prevista, não haverá muito que fazer para impedir o seu choque com a Terra.



Pub.

A partir de 1 de Junho/09

A Internet nunca esteve tão barata

Reduzimos a mensalidade dos pacotes

Reduzimos o preço da antena.

Mais Happyhours das 19h às 7h (2ª a 6ª Feira) e das 0h às 24h (fins-de-semana e feriados).

Adira já à Internet de Banda Larga da Teledata.

REDUZIMOS ATÉ 44% NAS TARIFAS

TELEDATA

Tel.: 21 353500 Cel: 82 3035270
teledata@teledata.mz www.teledata.mz

“Eu sabia que os guerrilheiros tinham matado muitos soldados portugueses e sabia que era VERDADE porque via muitos dos meus camaradas serem mortos... Eu desertei porque nós, os Portugueses, tomámos à força a terra que pertence aos Africanos.” extractos do livro de Eduardo Mondlane “Lutar por Moçambique”.

Toyota Land Cruiser 4.5 D4-D V8

Texto: Revista “Automotor”
Foto: Google.com
Comente por SMS 8415152 / 821115

Substituto do HDJ100, o Toyota Land Cruiser 4.5 D4-D V8 mantém os traços rectilíneos mas está mais actualizado. Designa-se V8, abandona o anterior motor de seis cilindros em linha e passa a ter um V8 biturbo de 4,5 litros com 286 cv. Por fora recebeu aquilo a que se pode chamar de “ampliação” e tem agora um comprimento de 4950 mm (mais 6 cm).



Ao volante, o seu “gigantismo” faz-nos parecer todos os monovolume, mesmo os grandes, somente médios, e até as jantes de 20” parecem pequenas.

A suspensão volta a exhibir as “potencialidades” pneumáticas, com o eixo dianteiro a evoluir para um eficaz sistema de triângulos sobrepostos. Se, na Europa Ocidental, com boas estradas os elitistas SUV germânicos são a preferência, já no resto do mundo a indestrutibilidade do Toyota torna-o rei do deserto e um dos protagonistas pelos cantos do globo.

Para manter uma solidez típica de Todo-o-Terreno puro e duro, o chassis mantém travessas e longarinas, e tem um novo sistema designado hidro-form em que, atrás, as travessas estão embutidas e não apenas soldadas ou aparafusadas. Face ao modelo que se reforma, é anunciada uma rigidez torcional de 40% superior e, a verdade é que, não obstante o espírito “luxo”, é um dos mais bravos, do pelotão.



O motor V8 cativa logo à partida pelo som. Não parece nunca um Diesel e ora é muito silencioso ora, solicitando o kick-down, oferece um cativante efeito acústico. A caixa automática é rápida e decidida nas passagens, tirando bom proveito do binário do motor para conseguir uma aceleração natural e sem quebras.

Dos 0 aos 100 km/h gasta apenas 8,8, uma cifra orgulhosa, relembrando os 2615 kg. Pela cidade, e mesmo encontrando logo 450 Nm às 1200 rpm, o escalonamento da caixa impõe rodar sempre numa rotação alta... o que é criticável. O paradoxo é que a solução deste problema está na utilização do modo manual. Neste ambiente são essenciais os sensores de

estacionamento em redor, e é bem vinda a câmara de estacionamento traseiro.

Seja como for, ruelas estreitas e o caos urbano podem gerar alguns nervos ao condutor, ainda que o Toyota lá acabe por se desenhencilhar. A atenuar tal stress temos o facto de ser um dos automóveis mais confortáveis do mercado. No modo “Comfort” da suspensão, as habituais lombas a que no habituámos deixam de “existir” e, mesmo no mais firme modo “Sport”, o conforto é uma referência, seja por asfalto ou pelos ressaltos de estradões de terra, surpreendendo.

Sob curva e contracurva, a

altura, e peso do conjunto fazem-se sentir, até porque a direcção não é perfeita, ainda que tenha melhorado. Ainda assim, o rigor que a suspensão nunca o deixam ficar mal, sendo possível aplicar ritmos, impensáveis à partida, com confiança. Já na travagem, as (mais de) duas toneladas e meia são um facto a ter em conta. Em suma, no capítulo dinâmico, o “Cruiser” não é tão dinâmico, preciso e eficaz como as referências BMW X5 e Porsche Cayenne, propondo uma condução mais ao estilo Range Rover. @

Pub.

SINÓNIMO DE FORÇA.
SINÓNIMO DE ÁFRICA.

O embondeiro é uma das árvores mais resistentes do mundo, reconhecida pela sua longevidade e força, simbolizando África. Assim também é o Land Cruiser Série 70, criado para África, tornou-se sinónimo de carro inquebrável. Conheça o Land Cruiser, conheça África.

LC H2J79R

Land Cruiser Série 70
www.toyota.co.mz

TOYOTA
MOÇAMBIQUE

A empresária moçambicana, Natividade Bule, considera a discriminação como um factor importante para a elevação do papel da mulher, que, por diversos motivos, dentre os quais as imposições culturais e tradicionais, aliados ao baixo nível de escolaridade, continuam a liderar as estatísticas referentes à pobreza absoluta.

A arma secreta de Mousavi

Tem 64 anos, é avó e um ícone improvável. Mas foi Zahra Rahnavard quem deu a volta às eleições, prometeu igualdade entre homens e mulheres e tornou o seu marido no opositor mais forte de Ahmadinejad. Ela discursa, mobiliza e dá a mão em público.



Texto: Nuno Paixão Louro/ "Sábado"
Foto: Google.com

Comente por SMS 8415152 / 821115

Zahra Rahnavard não usa sequer o nome do marido, Mousavi. Não precisou dele para, muito antes das eleições do dia 12, ser uma figura bem conhecida no Irão. Mas agora é diferente. Foi a estrela da campanha presidencial e a arma secreta do marido, o antigo primeiro-ministro (1981-89) que desafiou o presidente Ahmadinejad.

Na verdade, é muito pouco secreta. Zahra mostrou como um Irão com o seu marido poderia modernizar-se. Apareceu ao lado de Hossein Mousavi nos comícios, coisa nunca vista no Irão. Mais, surgiu publicamente de mão dada com o marido, atitude radical e inédita. E não foi apenas figura. Discursou, animou as multidões, prometeu que caso o marido fosse eleito iria abolir a aterradora Polícia Moral, defendeu a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a liberdade de expressão.

Pode não parecer muito, mas é um grande avanço num país que estagnou desde que Ahmadinejad foi eleito em 2005, onde as mulheres são obrigadas a cobrir a cabeça e onde dar a mão em público pode significar a prisão. Ganhou assim multidões de

jovens, sobretudo de mulheres. Artemis, de 21 anos, sintetiza o sentimento ao diário britânico "The Guardian": "Apoio Mousavi porque é moderado e acredito que a sua mulher é uma mais-valia. A introdução deste estilo na campanha é, por si só, um acto revolucionário." Zahra tornou-se o símbolo da mudança.

Esta avó de 64 anos e mãe de três filhas tem um discurso articulado. Habituada a grandes audiências na Universidade de Teerão, ameaçou mesmo processar o Presidente Ahmadinejad. Este apercebeu-se cedo da sua influência e tentou atacá-la num debate televisivo com Mousavi. Pôs em causa a forma como ela conseguiu os seus diplomas e o seu doutoramento em Ciência Política: "Não descansarei enquanto não lhe der uma lição", afirmou Zahra perante uma audiência estupefacta com as suas palavras.

Zahra é diferente. Usa um discreto tchador preto que lhe cobre a cabeça mas mostra a roupa colorida que usa por baixo. Ao entusiasmar as multidões com os seus discursos reformistas, conseguiu que milhões de iranianos comessem a

acreditar ser possível mudar o Irão. A mudança que defende não é, no entanto, um corte com a essência da revolução islâmica, iniciada em 1979 com o regresso do exílio do aiatola Khomeini. Quando a compararam à mulher do Presidente norte-americano, esta escritora, académica e escultora, foi categórica: "Não sou a

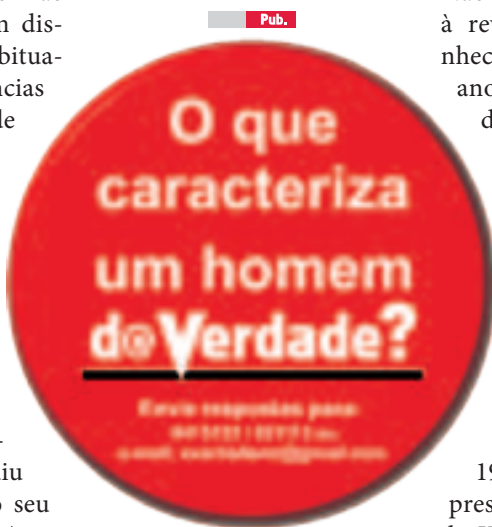
disse numa conferência de imprensa antes das eleições. Zahra tem 15 livros editados e é, a seguir à prémio Nobel da Literatura, Shirin Ebadi, a mulher mais influente do país. Além disso é uma das mais activas académicas do Irão junto do poder: foi conselheira do Presidente reformista Khatami e a primeira mulher a ser reitora da Universidade al-Zahra de Teerão, até ser afastada, em 1996, pelos amigos ultraconservadores de Ahmadinejad, antes de ser presidente da Câmara de Teerão.

A popularidade de Zahra Rahnavard é bem maior do que a de Mousavi: é o próprio que reconhece não ter carisma e que a sua actual popularidade se deve à mulher. Até há cerca de um mês, poucos sabiam quem era Mir Hossein Mousavi: só os mais velhos se lembravam do homem que foi próximo do aiatola Khomeini e abandonou a política há 20 anos, depois de dirigir o país durante a guerra Irão-Iraque. A situação só mudou radicalmente no início de Maio, com a entrada de Zahra na campanha.

Não faltam ao casal ligações à revolução islâmica. Conheceram-se nos finais dos anos 60' na universidade de Teerão e envolveram-se na campanha secreta para derrubar a ditadura do Xá Reza Palevi.

Nos primeiros anos da década de 70, Zahra juntou-se ao círculo do filósofo islâmico Ali Shari, crítico do regime. Em 1976, depois de Shari ser preso pela polícia secreta do Xá, Zahra exilou-se nos Estados Unidos com as duas filhas e só regressou ao Irão no final de 1979, tornando-se uma das mulheres mais influentes na promoção da cultura, economia e programas políticos da nova República Islâmica, durante o governo de Mousavi.

Agora, Zahra não fugiu aos protestos. Foi à Universidade e incentivou os estudantes a subirem aos telhados e a gritarem: "Deus é grande!" @



Michelle Obama do Irão. Sou Zahra, seguidora de Fátima Zahra, filha do profeta Maomé." Defende o uso do véu islâmico e já escreveu vários livros sobre o verdadeiro significado: um sinal de liberdade e emancipação feminina. Mas sustenta que "o uso do hijab não deve ser imposto a ninguém. Essa é uma decisão privada e eles [o governo] devem deixar as jovens mulheres em paz",

A ntyiso wa wansati

* A verdade da Mulher



Texto: Margarida Rebelo Pinto
averdademz@gmail.com
Comente por SMS 8415152 / 821115

A terceira letra do alfabeto

Deixaste-me pendurada no altar como uma planta falsa daquelas que se costuma ver nos consultórios dos dentistas e depois do choque, dos nervos, da desilusão e da tristeza, vais ter que me ouvir, Z Miguel.

Não te vou chamar medricas, imaturo, cobarde ou outras palavras começadas pela terceira letra do alfabeto como fizeram todas as minhas amigas porque ainda gosto de ti, e se voltasses atrás, talvez ainda me casasse contigo

O que tu não queres descobrir, porque te sobra em inteligência o que te falta em generosidade que o amor não é um sonho, uma quimera, um desejo em abstracto. Tal como casar não é fazer uma grande festa, apanhar uma bebida de caixão à cova e ganhar duas semanas de férias de papo para o ar a beber capirinhas e a fumar erva nas praias da mata atlântica do Brasil inexplorado. Dá muito trabalho viver a dois. ...como se a nossa vida deixasse de ser nossa; há outro, uma outra pessoa que também a vive connosco, que faz parte dela. Uma pessoa que cuida de nós e de quem precisamos de cuidar. Alguém que, antes de nós, já viveu uma vida inteira, já amou outras pessoas e já lambeu as feridas. Alguém que é um conjunto intrigante e complexo de defeitos, qualidades e experiências, algo minúsculo e difícil de entender, tal como nós. Mas, acima de tudo, trata-se de alguém que deve gostar de nós. E tu não gostas de mim como eu gosto de ti, por isso foges como um condenado, como se o casamento fosse um martírio, o purgatório possível do mundo civilizado ao qual podemos sempre escapar.

Parece simples, mas, bem vistas as coisas, deve ser a coisa mais complicada do mundo. Num tempo em que as relações são cada vez mais fugazes e difíceis de manter, porque havemos de desperdiçar a nossa vida com uma só pessoa? Será que natureza humana afinal é mesmo poligâmica, apesar de todas as ditaduras da religião? Ou será que, estando a expectativa protegida, nós, humanos seguros e individualistas, estamos a perder o instinto gregário? Tu não estás para te chatear. Já eu sou feita de outra massa. Sonho com uma vida a dois, sem que isso seja uma prisão. Não vale isso muito mais do que andar aos tiros para o ar, numa tentativa e erro, a cansar o corpo e coração, em guerras de amor? Se não pensas como eu, afinal não vale a pena esperar que subas ao altar comigo. Era uma vez uma princesa que também foi deixada pendurada pelo seu príncipe e sabes qual foi a moral da história? Nunca mais teve de lhe lavar as pernas, de lhe passar as camisas, de limpar os olhos que ele deixava na banheira. E sabes que mais? Viveu feliz para sempre.

Jornal @ Verdade relança gratuitamente “Lutar por Moçambique”



O jornal @ VERDADE, com a colaboração da família Mondlane, anunciou na quinta-feira, dia 18, em conferência de imprensa, a reedição do livro “Lutar por Moçambique” da autoria de Eduardo Chivambo Mondlane, o primeiro presidente da Frelimo assassinado em 1969 em Dar-es-Salam na Tanzânia e considerado o arquitecto da unidade nacional.

Durante 16 semanas, com a edição regular do jornal, irão sair mais quatro páginas que correspondem, uma vez recortadas, a 16 páginas do livro. No final, será oferecida uma capa rija onde o leitor poderá conservar todos os fascículos publicados mensalmente. Na conferência de imprensa que teve lugar na Mediateca do BCI - um dos patrocinado-

res a par da mcel - Erik Charas, o nosso director, salientou que o que é importante é “dar leitura ao povo” e, num país como Moçambique, que é muito pobre, o povo deve ter acesso a isso de uma forma gratuita. “Vamos fazer 50 mil cópias, tantas quantas o jornal, e espero que haja 50 mil livros no final.” Charas disse esperar que este exemplo, ofe-

recer livros, possa ser seguido por outros agentes culturais no futuro breve.

Eduardo Mondlane Júnior, após louvar a iniciativa, recordou os primeiros tempos da fundação da Frelimo e a procura da unidade nacional. No final frisou que a Frelimo teve um nível de influência em partidos de outros países ultrapassando largamente

Moçambique.”

Por fim o professor Calane da Silva referiu que “não pode haver desenvolvimento sem cultura, sem conhecimento. Por isso esta iniciativa é magnífica. A minha geração, que foi educada pelos Mondlanes e outros, enriqueceu e forjou-se na leitura. Através dela fomos crescendo intelectualmente. Mondlane,

curiosamente, cita neste livro vários poemas de Noémia de Sousa, Craveirinha, etc. Não é por acaso que a palavra estudar estava sempre na boca de Mondlane em relação aos mais novos. Mondlane disse: - Façamos de cada um dos nós a cultura de todos.” “E só através da leitura poderemos atingir esse desiderato”, concluiu Calane da Silva.

DISPOSIÇÃO DAS PÁGINAS DO PRIMEIRO FASCÍCULO



Crédito Automóvel

Escolha o seu carro e deixe o resto connosco



O Barclays financia-lhe um carro à sua altura. Um carro novo ou usado, ligeiro, 4x4 ou pesado. Escolha já o seu carro e nós fazemos o resto. Dirija-se à agência Barclays da sua preferência ou visite o nosso site.

www.barclays.co.mz



Como se chama o programa de televisão para jovens exibido nas noites de sexta - feira na TVM ?

Responda por sms **8415152** ou **821115**

ou pelo e-mail: **averdademz@gmail.com**

"A resposta correcta da edição 43 é "Dança dos artistas"

ARTBARCAFE BEIRA

ProgramaÁ o

- Sexta 26/06, 22h30
Mcel Salsa Nights: Aula Aberta de Salsa com o Professor Dani e alguns dos melhores danÁrinos da cidade da Beira
- Sábado 27/06
Festa do boxer: Convidados – Millennium Bim com o seu rock, Pablo Baptista (Vocalista, Guitarra ritmo, Solos); Nelo Dias (Baterista e coros); Anibal Chitchango (Guitarra baixo).

■ CONCERTOS

- Sexta 26 de Junho, 22h30, Gil vicente
■ The Rocats
- Sábado 27 de Junho, 18h30, Gil vicente
■ Underground Independente
- Convidados: Black C, Massa Cizenta, Classe Neutra, Skunk, E-Sing e Irmandade

■ EXPOSIÇÕES

- Até 12 de Julho
- Exposição Fotográfica
A Associacao Kulungwana apresenta Bons Dias Boas Noites" sobre as ruas de Maputo, na Sala de Espera, Estação Central CFM.

Horários:

De segunda a sexta: 10h00-17h00
Sábado e domingo: 10h00 – 15h00

■ SINAL ABERTO

Sexta às 18h00, Documentário: **Guardiões da Floresta - As Presas do Lago.** - TVM

Sábado às 11h00, **Agenda Desportiva.** - TVM

Sábado às 18h30, **Moçambique Music Awards (Edição 8)-** TVM

De segunda a sexta, 17h00: **Atracções** - apresentado por Josias, com participaÃ es de v rios artistas nacionais, o programa mescla a apresentaÃ o musical com um animado bate-papo sobre carreira e as prefer ncias musicais dos artistas convidados. - **MIRAMAR**

Sábado as 14h00, **PlayMySong** - Programa musical em que os telespectadores escolhem o seu v deo favorito e respondem a algumas questões tais como, o signo, a profissão, o nome e os hobbies. - **TIM**

Terça as 23h00, **Fiba** - O magazine oficial do Basquetebol, traz semanalmente o melhor de basquete mundial. - **TIM**

Domingo 19h30 **África 7 Dias**, ao fim-de-semana a actualidade africana passada em revista num programa de 30 minutos. - **RTP África**



Segunda 21h **Futbol Africa**, programa que teve in cio em Fevereiro de 2006 sob forma de magazine, incidindo sobre todos os aspectos do jogo Africano. Com produÃ o, pesquisa e gui o de Gary Rathbone- um jornalista de televis o que se especializou no jogo africano ao longo dos ltimos 10 anos-tem como objectivo olhar para o que est a acontecer no futebol africano, bem como no estrangeiro-atrav s da introduÃ o de aspectos que possibilitam ao telespectador uma abordagem nica a este mundo fantástico. Não há nenhum programa sobre o futebol africano que entre t o profundamente no detalhe deste jogo e das pessoas que o comandam, como o Futbol frica. - **RTP África**

Terça 21h 30, **Falar da vida em 30 minutos.** Hist rias que impressionam, surpreendem, emocionam. Reportagens da vida, num programa de informaÃ o semanal. - **RTP África**

Quarta 14h, **Fórum África**, Espaço dedicado à entrevista sem tabus nem restriÃ es- Produzido por todas as delegaÃ es da RTP em frica, sobre temas que marcam a actualidade Africana - **RTP África**



■ SINAL FECHADO

Sexta às 10h30, **Quando a namorada de Stillson desaparece**, este tem que recorrer à ajuda de Johnny Smith para descobrir o seu paradeiro. - **FOX**

Sábado às 09h23, **Os Simpson:** Barney pergunta aos seus amigos por que motivo n o festejaram o seu aniversário. O que aconteceu foi que Barney estava t o b bedo que n o se lembra de nada. Depois de ver uma gravaÃ o do seu dia de anos, Barney decide juntar-se aos Alcoólicos Anónimos. - **FOX**

Segunda às 16h06, **Crusoe:** Robinson Crusoe, o único sobrevivente de um naufr gio, e o seu fiel companheiro Sexta-feira, um nativo a quem Robinson salvou a vida, correm perigo quando um grupo de cors rios ingleses e espanhóis chegam à ilha em busca de um tesouro lend rio. - **FOX**



Sexta às 11h15, **Lei & Ordem: Intenções Criminosas** (Albatross). - **FOX CRIME**



Domingo 22h55, **Feast Of Love.** Com Morgan Freeman, Greg Kinnear. (2007) Robert Benton. - **MNET**

Sábado às 11h15, **Números (Fim do jogo).** - **FOX CRIME**

Domingo às 01h26, **Casados com a Morte.** - **FOX CRIME**

Sexta às 11h45, **As Novas Aventuras de Christine.** - **FOX LIFE**

Sexta as 20h30, **Welcome Home,** Roscoe Jenkins. Com Martin Lawrence, Joy Bryant. (2008) Malcolm D Lee. - **MNET**



Sábado 20h00, **College Road Trip.** Com Martin Lawrence, Raven Symone. (2008) Roger Kumble. - **MNET**

Sábado as 21h30, **Saving Silverman.** Com Jason Biggs, Jack Black, (2001) Dennis Dugan. - **MNET**

Domingo 20h00, **Gone Baby Gone.** Com Michelle Monaghan, Ben Affleck. (2007) Ben Affleck. - **MNET**
Domingo 14h45, Campeonato Zambiano em Futebol: **Red Arrows v Power Dynamos.** - **Supersport Select**

Domingo 16h25, Campeonato Angolano em Futebol:

1º de Agosto v Petro De Luan-da. - **Supersport Máximo 2**

Domingo 23h25, Campeonato Brasileiro em Futebol: **Atletico Pr v Corinthians.** - **Supersport Máximo 2**

Segunda 20h00, Copa das Confederações em Futebol: **Final.** - **Supersport Máximo 2**

Segunda 14h45, Campeonato Zambiano em Futebol: **Zanaco v Kabwe Warriors.** - **Supersport Select**

Sábado 20h55, Campeonato Brasileiro em Futebol: **Palmeiras v Santos.** - **Supersport 7**



HORÓSCOPO - Previsão de 26.06 à 02.07



carneiro

21 de Março a 19 de Abril

Durante este per odo vai estar mais diligente e dispon vel para dar atenção à sua família. Se for casado, esta uma boa altura para partilhar momentos prazerosos de conv vio com os seus filhos e parceiro. Se não estiver envolvido amorosamente com algu m, esta n o a altura ideal para encontrar a sua alma g mea .



touro

20 de Abril a 20 de Maio

Esta não vai ser uma semana muito apaixonante para si; vai preferir estar consigo pr prio e dedicar o tempo a pensar nos seus projectos futuros. Ter dificuldade em esconder os seus sentimentos das outras pessoas.



gémeos

De 21 de Maio a 20 de Junho

Mais aberto e comunicativo vai sentir um maior desejo de con-viver e de relacionar-se com os outros. Esta é uma boa fase para abrir o seu coraÃ o e esquecer as desilusões do passado.



caranguejo

De 21 de Junho a 22 de Julho

...poss vel os afectos estarem dependentes da vida profissional e do estatuto social; poss vel que a superficialidade afectiva crie situaÃ es complicadas e que afectem negativamente a sua imagem. Procure separar a sua vida profissional da sua vida amorosa.



leão

De 23 de Julho a 22 de Agosto

Esta vai ser uma semana que vai sentir uma grande necessidade de liberdade. Não quer compromissos amorosos na sua vida, pelo menos de momento, e quer aproveitar tudo de bom que a vida tem para lhe proporcionar.



virgem

De 23 de Agosto a 22 de Setembro

Esta é a altura ideal para desfazer algum mal entendido. Se a sua relaÃ o tem andado a passar por uma fase dif cil, ent o est na altura de colocar os pratos na mesa e dizerem o que sentem.



balança

De 23 de Setembro a 22 de Outubro

Use todo o seu charme e não receie uma poss vel resposta negativa. Vá em frente porque os astros est o do seu lado durante esta semana. Quem não arrisca n o petisca e a vida sempre feita de tentativas e erros.



escorpião

De 23 de Outubro a 21 de Novembro

Esta pode ser uma fase de transformação o e mudanÃas na sua vida afectiva. Poder sentir um forte desejo de se aventurar em novas experi ncias das quais possa obter bem estar e felicidade.



sagitário

De 22 de Novembro a 21 de Dezem.

Tenha cuidado com as ilus es. Durante esta semana poss vel que enfrente algumas dificuldades na sua relação com os amigos. Você espera demais dos outros e poderá sofrer algum desapontamento.



capricórnio

De 22 de Dezembro a 19 de Janeiro

Magnetismo e muito charme v o ser o que vai emitir durante esta semana. Se namora poss vel que suscite algumas crises de ci-mes no seu parceiro que n o vai apreciar muito os convites que lhe podem bater à porta.



aquário

De 20 de Janeiro a 18 de Fevereiro

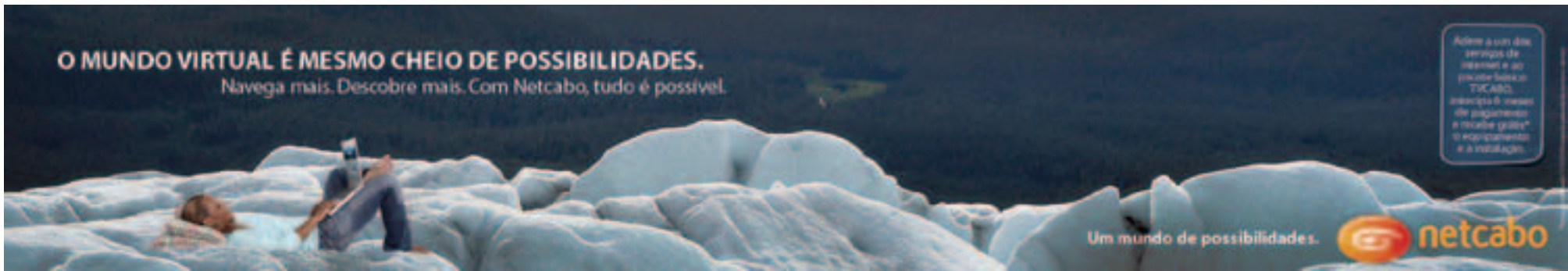
Muita sensibilidade e romantismo v o pautar a sua semana. ... poss vel que venha a sentir-se mais impression vel com os acontecimentos externos devido sua extrema sensibilidade durante todo este per odo.



peixes

De 19 de Fevereiro a 20 de Março

Contratempos poderão ocorrer na sua vida sentimental, muito provavelmente devido a uma hist ria mal resolvida, no seu passado, que lhe deixou marcas e que gerou alguns receios quanto ao futuro.





O chá do Guruè será uma das primeiras bebidas a ser servida no 2º Festival Pan - Africano de Cultura, a decorrer de 5 a 20 de Julho próximo em Argel, capital da Argélia. Além do chá, os argelinos escolheram a nossa castanha de cajú para os visitantes e participantes ao festival.



Kellogg's
Tã na hora d'acordar!

Arranque VITORIOSO para um dia FABULOSO!

GANHE
Um de **10**
PRÊMIOS
GUESS
COLLECTION

GANHE
prêmios DIÁRIOS em DINHEIRO!

Envie um SMS com palavra **KELLOGGS** para **93355**
(Custo por sms de 5,00 MT)

Sintonize diariamente a **SFM**
entre 6h30 e as 7h00.

Sim
SOICO Rádio

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													
9													
10													
11													
12													
13													

HORIZONTAIS:

1- Instantes de alívio; desaire (fig.). 2 - Embriaguez (prov.). abismo; perverso. 3 - Escudeiro; apostem ao jogo; nome de Mulher. 4- Compareça; pessoa excessivamente magra; o mais. 5 - Inconscientemente. 6 - Sacode; zimbórios. 7 -Que foge da tonalidade; chegar. 8 - Rabi; cor arroxeada. 9 -Burla. 10 - Prefixo de «negação»; turco; algum. 11 - Desaba; molesta; Mãe da virgem Maria. 12 - Leva a reboque; protecção; título dado aos descendentes de Mafoma. 13 -Chiar; impedimento.

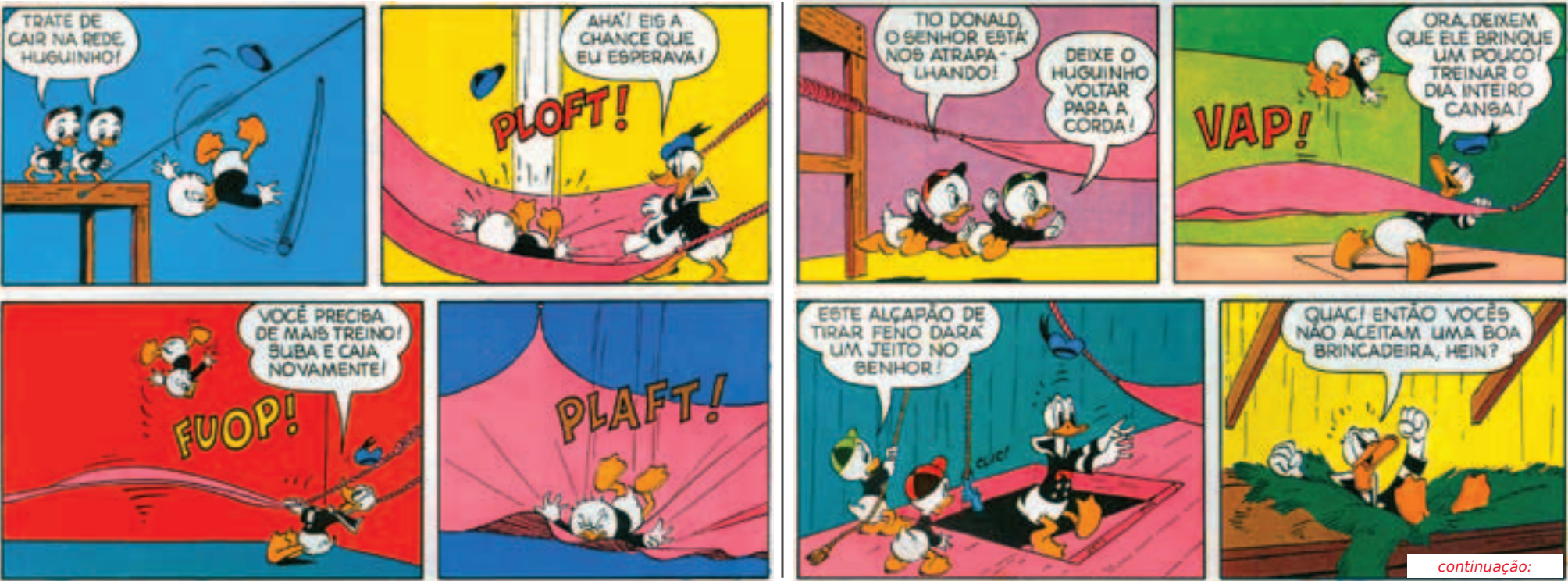
VERTICAIS:

1 - Comida grosseira(prov.); ancorar. 2 - Desgastava; Botiquim; bosque. 3 - Ligação;buscam: ião. 4 - Gálio (sím. químico); comunidade religiosa; prata simb.químico) 5 - Que pratica a idolatria. 6 - Desejara; confiscar. 7 - Dinheiro (pop); imundícies. 8 - Luto; discursar. 9 - Espécie de alaúde. 10 - de novo (ant.); quimérico; preposição. 11 - Alguma coisa; empacota; patrão. 12 - Vo-cífera; agora; casar. 13 - Comes à pressa (pop.); resumira.

Notícias todos os dias
www.verdade.co.mz

Histórias do Donald

continuação ➔ EDICÇÃO 43



TRATE DE CAIR NA REDE, HUGUINHO!

AAAA! EIS A CHANCE QUE EU ESPERAVA!

PLOFT!

TIO DONALD, O SENHOR ESTÁ NOS ATRAPALHANDO!

DEIXE O HUGUINHO VOLTAR PARA A CORDA!

ORA, DEIXEM QUE ELE BRINQUE UM POUCO! TREINAR O DIA INTEIRO CANSA!

VAP!

VOCÊ PRECISA DE MAIS TREINO! SUBA E CAIA NOVAMENTE!

FUOP!

PLAFT!

ESTE ALÇAPÃO DE TIRAR FENO DARÁ UM JEITO NO SENHOR!

QUAC! ENTÃO VOCÊS NÃO ACEITAM UMA BOA BRINCADEIRA, HEIN?

continuação:

O povo luta
pela verdade.

Nós lutamos
para levá-la
ao povo.

Jornal A Verdade. O jornal com maior*
distribuição em Moçambique.



Não tem preço.

*Tiragem de 50 mil exemplares certificada pela 